

GABRIELA
MALDONADO
SEWAYBRICKER



MEMÓRIAS DE INFÂNCIA:

NARRATIVAS DE PESSOAS VELHAS
A RESPEITO DE SER CRIANÇA NO SÉCULO XX
NA CIDADE DE SOROCABA – SÃO PAULO

Memórias de Infância:

**Narrativas de pessoas velhas a respeito
de ser criança no século XX
na cidade de Sorocaba – São Paulo**



Pedro & João
editores

Gabriela Maldonado Sewaybricker

Memórias de Infância:

**Narrativas de pessoas velhas a respeito
de ser criança no século XX
na cidade de Sorocaba – São Paulo**


Pedro & João
editores

Copyright © Gabriela Maldonado Sewaybricker

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Gabriela Maldonado Sewaybricker

Memórias de infância: narrativas de pessoas velhas a respeito de ser criança no século XX na cidade de Sorocaba – São Paulo.
Pedro & João Editores, 2020. 158p.

ISBN 978-65-87645-85-8 [Impresso]
978-65-5869-025-2 [Digital]

1. Infância. 2. Memória. 3. Sorocaba. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

CDD – 410

Capa: Felipe Roberto | Argila Design

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

Em memória de minha bisavó
Rosália que tanto se orgulharia
em poder contar ela mesma suas
vivências de criança e que, com
seu amor e dedicação sempre
guardados em minhas
lembranças, me inspirou a
realizar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela graça que me concede de ter força e resiliência para buscar meus sonhos.

A minha mentora e amiga Wal, por todos os ensinamentos e encorajamento à expansão de meus olhares e à percepção do potencial de todo um futuro e, sem a qual, a realização deste livro não seria possível.

Aos queridos Lúcia e Arnaldo por terem sido os primeiros a deitar os olhos sobre este trabalho e contribuírem com valiosas observações.

Aos meus pais Luís e Márcia, pelo suporte e torcida nas horas corridas.

Ao querido Daniel, pelos conselhos, amor e unidade sempre presentes.

A todos os entrevistados: sr. Samuel, d. Lourdinha, d. Neide, sr. Marcos, d. Ana Maria e d. Anita, por tamanha prontidão em colaborar com esta história e por seus braços abertos em me acolher como parte de suas famílias.

Também a todos os meus familiares, amigos e professores que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu fosse quem eu sou hoje, me transformando e me ressignificando a cada dia.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
<i>Maria Walburga dos Santos</i>	
INTRODUÇÃO	15
1. TERRA RASGADA	25
1.1. A Virada do Século	33
2. DOS MÉTODOS AO LAÇO DA AMIZADE	39
3. MEMÓRIAS DE INFÂNCIA	45
3.1. Horas e Apitos: a Manchester Paulista de nossos protagonistas	50
3.2. “Depois do jantar, era hora das brincadeiras”	55
3.3. “Naquele tempo não tinha discriminação de que criança não podia trabalhar”	59
3.4. “Se queixe de dor de barriga pra gente ir embora”	61
3.5. “Bom, naquele tempo, criança era criança”	65
3.6. “Para ver como são essas crendices”	68
3.7. “De me saber diferente e saber que eu tinha possibilidades”	71
4. RELEITURAS	77
4.1. O Jogo de Geri	81
REFERÊNCIAS	85

APÊNDICES	89
Entrevista oral de Neide Baddini Mantovani e depoimento de Neide Baddini Mantovani	89
Entrevista escrita com Marcos Maldonado Rodrigues	105
Entrevista oral de Ana Maldonado Girão	115
Entrevista oral de Samuel Germano Gutierres	127
Entrevista oral de Maria de Lourdes Vallarelli Gutierres	135
Depoimento de Ana Maria de Souza Mendes	141
Relação de brincadeiras e brinquedos citados nas transcrições	151
Descrições de brincadeiras	153

PREFÁCIO

Acolhi com alegria e gratidão o convite da jovem professora e pesquisadora Gabriela Maldonado Sewaybricker para prefaciá-lo seu primeiro livro, “Memórias de Infância: Narrativas de pessoas velhas a respeito de ser criança no século XX, na cidade de Sorocaba – São Paulo”. Alegria por ter tido a oportunidade de acompanhar a trajetória de seu trabalho, ainda na graduação. E gratidão por ela continuar nessa trilha de busca pelo conhecimento, o estudo contínuo, a pesquisa. E por partilhar esse caminho conosco.

A obra que nos é entregue é um presente. E presente considerando duas acepções da palavra: como um regalo material, na concretude do livro e, em sua dimensão temporal, ou seja, o tempo que habitamos, em conexão com a busca de compreender o tempo que já é passado, numa proposta de diálogo em torno de tema caro e repleto de significações: a infância.

Os dois primeiros capítulos do livro são uma amostra do comprometimento da autora com a pesquisa, a procura e o tratamento de suas fontes. Primeiro, há um ensaio para contextualizar o conteúdo trazido nas páginas da obra em sua dimensão histórica e, ao mesmo tempo, Gabriela estabelece contato e nos conta a respeito de sua cidade, Sorocaba, em São Paulo, lugar espaço de seu trabalho.

Em seu terceiro capítulo, a obra nos convida a adentrar nas palavras e memórias das seis pessoas que colaboraram com a escrita da Gabriela: dois homens e quatro mulheres que em entrevistas, depoimentos e imagens fornecem

pistas valiosas para se pensar a infância na primeira metade do século XX. São suas lembranças, vividas na cidade de Sorocaba, que apresentam temas que nos são relevantes e evidenciam, ainda hoje, demandas consideradas pertencentes à infância, mas que são também, construtos históricos e sociais que indicam lugares que as crianças ocupavam e ocupam socialmente. Assim, brincadeiras, brinquedos, cantigas, sons, festas, interdições, o parque infantil e uma série de ações e lugares significam um passado e uma infância para esses protagonistas, mas que dialogam com o passado de outrem. Essas memórias são valiosas porque ainda hoje (e sem anacronismos) fazem-nos pensar em questões ainda urgentes em nosso meio: gênero, raça e classe social entre elas. Quais os papéis que ainda presenciamos, vivemos?

A análise respeitosa da autora, explorada em seu quarto capítulo, com a sugestiva alusão às “releituras”, provoca-nos à reflexão do lugar que ocupam não apenas as crianças, mas os chamados velhos. E a nomenclatura “velhos” também é um sinal de valorização, pois tenta escapar de expressões amplamente divulgadas que podem ser consideradas como fantasiosas ou omissas em relação à realidade, como “melhor idade”, por exemplo. É nesse ponto que a autora expõe e defende seu posicionamento, explicitando seu incômodo (e buscando incomodar) ao caráter de exclusão dado à velhice. Em suas palavras: “opto pela utilização da palavra velhos, em vias de “trazer à roda” a temática muitas vezes ignorada pelos diferentes meios sociais. Convido aqui o exercício da escuta e do respeito àqueles que tem tanta experiência, conhecimento

e histórias a serem ouvidas, respeitadas e, mais, apreciadas”. (SEWAYBRICKER, 2020).

A apreciação dessas histórias carece de atenção, acrescida de alguma sensibilidade. A pesquisa realizada não foi à procura dos considerados intelectuais, acadêmicos ou políticos. O cuidado foi dirigido ao cotidiano e às pessoas que o compõem em sua dinâmica, indistintamente.

Escutar as palavras alheias e comunicá-las em formato de pesquisa e agora, em livro, podem ser consideradas ações de coragem. Isso porque quando as pessoas narram as suas histórias – em entrevistas ou depoimentos – colocam-se na posição de protagonistas da tessitura histórica, numa perspectiva que escapa de padrões convencionais que reforçam a idéia de uma história única. Ao contrário, à medida que os registros de memória são acessados, ocorre também uma experiência de compor, organizar e significar a própria trajetória de quem narra. É um exercício de se situar em relação ao tempo, ao espaço, à materialidade, aos outros e a si mesmo e, por isso, pode ser considerado como um fazer subjetivo, mas que nos permite, no conjunto, estabelecer compreensão de um amplo e complexo processo que habita nas memórias, uma das categorias de fazer história: “a memória torna-se assim a categoria portante do fazer história, com seus condicionamentos e suas amnésias, seus objetivos e o peso da tradição, logo com seu papel não linear, sempre *sub judice*, sempre incompleto, mas sempre necessário” (Cambi, 1999, p. 35).

Essa incompletude necessária, esses fragmentos que nos são dados a conhecer, diante de um “cabedal infinito”, nas palavras de Ecléa Bosi (2003), estabelecem relação com

outro compromisso: o registro como aliado no processo de não esquecimento. E em referência à memória coletiva e ancestral que nos permite viver o hoje, tal qual a autora, trago mais uma vez o significado do *adinkra* africano *Sankofa* em sua força proverbial: “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás”. É assim que vivemos e ressignificamos o presente: com ciência que não chegamos a esse momento sozinhos, que somos coletivo, afinal, da mesma maneira que a memória, mesmo com lembranças variadas e multifacetadas, colabora com a identidade pessoal e construção da subjetividade, a história nos coloca diante do movimento de resistência e da compreensão de uma dimensão de pertencimento coletivo.

Gabriela Maldonado Sewaybricker, em seu manuscrito de iniciação à pesquisa, também recupera e refaz sua história, sua trajetória e amplia o convite a cada um de nós. Que a leitura de seu trabalho seja aliada ao constante chamado das pessoas que querem e têm o que dizer, sejam essas pessoas crianças ou idosos/idasas. Fica, portanto, o aceno: para ler, mas também para escutar. Há alguém disponível para essa escuta?

Maria Walburga dos Santos

Referências

- CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo, Editora UNESP, 1999.
- BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social. Ateliê Editorial: São Paulo, 2003.

INTRODUÇÃO

Nascida em Sorocaba, metrópole interiorana do estado de São Paulo, minha experiência *infante* e adolescente foi sempre contextualizada nessa terra, fato que me estimulou a ter sede por sua história. Nesta perspectiva, grande era meu desapontamento quando ouvia na escola sobre Sorocaba apenas na semana do dia 15 de agosto¹, no entanto, a curta narrativa não me incomodava ao ponto de me fazer questionar seus motivos, afinal essa realidade me parecia natural. Com minha iniciação à graduação em Pedagogia me vi novamente a pensar sobre o assunto e começar, por fim, a indagar as razões pelas quais o que se sabe comumente sobre a história de Sorocaba é centrado apenas em nomes cuja semelhança a mim só se faziam por serem os mesmos de pontes, ruas e prédios, ou seja, uma história factual e centrada em heróis, sem a presença de outros sujeitos que também fazem a história.

A inclinação a tal temática, somada ao grande gosto por Educação Infantil e ao incentivo de minha orientadora foram as motivações para que eu começasse uma pesquisa de iniciação científica², apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP), cujo tema foi “História da Infância em Sorocaba no século XIX” e o objetivo visou investigar, registrar e entender como e se as crianças da cidade de

¹15 de agosto é a data em que se comemora o aniversário de Sorocaba.

² A pesquisa teve início no mês de março de 2017 e continuará até o mês de setembro de 2018.

Sorocaba - SP participavam da vida social da cidade no século XIX e qual a relação da sociedade, da cultura e dos adultos para com elas. Fundamentando-nos na perspectiva da Nova História³, buscando romper o paradigma tradicional olhando para a história e realidade sorocabana, a fim de aprofundar conhecimentos sobre essa sociedade pouco manifestada pelos historiadores, mais especificamente a respeito das crianças no século XIX e a história de sua infância, registrando-a de forma documental, a fim de colaborar com a diminuição da realidade de escassez de produções sobre o assunto.

Tal contexto foi o que incentivou a escolha pelo objeto da pesquisa nesse livro apresentado. À luz do entendimento da realidade social da cidade no século XIX por meio de obituários⁴, notícias nos jornais⁵ e livros de memória⁶, se fez também necessária, a fim de compreender suas tradições e costumes, a busca por relatos de experiências vividas por pessoas nesse período. Diante do fato de tais pessoas não estarem vivas, busquei escutar as vivências de idosos que foram crianças na primeira metade do século XX em Sorocaba, na intenção

³ BURKE, 1992.

⁴Ao longo da Iniciação científica construí um quadro de análise sobre todos os obituários publicados nos periódicos *O Araçoiaba* (1866), *O Ypanema* (1872 – 1873) e *Diário de Sorocaba* (1882-1890), destacando os nomes dos falecidos, sua idade, gênero, local de moradia e causa de morte.

⁵Os periódicos analisados na pesquisa foram *O Araçoiaba* (1866), *O Ypanema* (1872-1873) e *Diário de Sorocaba* (1882-1890).

⁶ Medeiros, 1864, s/i, Gaspar, 1967 e Almeida, 1987. Observação: a obra de Medeiros, publicada em 1864, não contém informações bibliográficas.

de compreender como suas infâncias foram influenciadas pelos ensinamentos de seus antepassados e se esses ensinamentos influenciam ainda hoje na maneira em que compreendemos as crianças e o que entendemos como a infância, ou as infâncias, afinal, assim como nos mostra a *sankofa*⁷, para entender a realidade presente, é necessário



Figura 1 - Sankofa é um símbolo africano, uma ave que caminha para frente, mas sempre com a cabeça voltada para trás.

“voltar a apanhar de novo aquilo que ficou para trás”⁸, ter sempre os pés voltados para a frente, mas a cabeça que se alimenta do que ficou no passado, o que é tradição, o que é história.

Para continuar a escrita das linhas que aqui se apresentam, é necessário primeiramente conceituar alguns termos nos quais sustento esta pesquisa.

Dessa forma, intento agora discorrer sobre “Nova História”, “Memória” e “Infância”.

Segundo Peter Burke (2011), o termo “Nova História” foi primeiramente conhecido por meio dos ensaios escritos por Jacques Le Goff, no entanto, ficou realmente associada à Escola dos Annales (*École des Annales*), movimento que trouxe uma vertente social à História e eclodiu no século XX, contrapondo-se ao

⁷ Acesso em: <https://news.uark.edu/articles/25880/new-university-core-course-offered-by-african-and-african-american-studies-program>.

⁸ Glover, 1969, apud Tebet *et al*, 2015, p. 27.

modelo positivista vigente na época, descrito por Burke como “história hankeana” (1992, p. 10). Para o autor qualquer tentativa de descrição da Nova História pode parecer vaga, considerando que há muitas vertentes oriundas desse movimento. Desse modo Burke baseia sua definição naquilo que a nova história não é. E são esses aspectos os pilares para este trabalho.

Enquanto para o modelo tradicional o que é história gira em torno dos acontecimentos políticos e o essencial é a sua narrativa impessoal, para a nova história tudo é relevante, não só os acontecimentos à longo prazo, como diz Braudel (Braudel 1972, citado por Burke, 1992), mas os ocorridos cotidianos e “de pequena importância” para o olhar positivista. Por esta razão a nova história também é conhecida como “história total”⁹ proporcionadora de um olhar “de baixo”¹⁰ que dá importância às minorias e às várias formas pelas quais sua história pode ser contada. Não apenas a narrativa em terceira pessoa e a comprovação documental com registros oficiais, mas também os relatos (narrativas pessoais), as imagens, gravações. Por fim, a última divergência descrita por Burke (1992) a respeito dos dois paradigmas é o fato de que, enquanto para o olhar tradicional a história deve ser narrada imparcialmente, o novo paradigma reconhece a impossibilidade de tal ato, a medida em que historiadores também são humanos, portanto com suas individualidades e contextos diversos.

As comparações descritas acima podem ficar mais claras por meio do seguinte quadro:

⁹ Burke, 1992, p. 11.

¹⁰ Burke, 1992, p. 13.

Quadro 1: Contraposição entre a nova história e o paradigma tradicional.

Paradigma Tradicional	Nova História
Relevância aos acontecimentos políticos e de longo prazo	Relevância à história total
A essência da história é a narrativa impessoal, em terceira pessoa e sua comprovação deve ser feita por documentos oficiais	A forma de fazer e contar história pode se basear em documentos não oficiais, como relatos orais ou escritos, considerados narrativas pessoais, fotos e gravações
Assume uma “visão de cima”	Assume uma visão “de baixo”
Considera o fato em si	Considera o contexto e a individualidade dos sujeitos envolvidos na história
Os historiadores devem ser imparciais e objetivos	Entende-se o historiador como sujeito histórico influenciado por contextos subjetivos

Quadro 1 - Contraposição entre a nova história e o paradigma tradicional. Fonte: quadro construído por SEWAYBRICKER, Gabriela M.

Não é objetivo deste livro promover o aprofundamento a essas divergências, nem mesmo de declarar ser a nova história um modelo perfeito, afinal, como Peter Burke (1992) reconhece, é um paradigma com limites e contradições, posto que é um movimento deveras recente e com muitas possibilidades desconhecidas ou discutíveis. Ainda assim, tal corrente se mostra relevante para essa pesquisa, principalmente pelo aspecto da história oral, pois contém princípios que possibilitam a análise

realista, total e subjetiva dos acontecimentos que serão aqui apresentados. Esclareço ainda que neste trabalho, ao citar a história “de baixo” compreendemos a história das minorias, mas não só, pois reconhecemos que há relação constante entre ambas as extremidades, podendo o contexto micro dialogar com o macro.

As minorias a que me refiro são as pessoas e classes marginalizadas na sociedade, que na realidade em valor numérico são a maior parte da população, pois aqueles que mantem maior número de bens, status e, infelizmente, voz, são poucos. Assim sendo, utilizo o termo *minorias* na intenção de evidenciar o desfavorecimento dos grupos marginalizados.

Com relação à *memória*, esse trabalho se apoia no conceito definido por Jacques Le Goff (2003) como a capacidade de preservar informações que têm ligação com funções psíquicas, portanto, um fenômeno psicológico e de caráter individual, mas que se relaciona com a sociedade. Para Le Goff, num sentido metafórico pode existir amnésia coletiva, quando povos e nações perdem sua memória e identidade, ou, como diria Ecléa Bosi (2003), perdem suas raízes. É diante das considerações e estudos de ambos os autores acerca de *memória* e *esquecimento* que este livro prosseguirá. Relacionando as definições de Bosi acerca da *memória oral* como narrativa não unilateral e constituída por contradições, uma vez que a memória coletiva, incutida em ideologias características de um contexto, dispõe força direta sobre a memória individual; e a *memória de pessoas velhas* como intermediadora da geração presente com as do passado.

No que diz respeito à *infância*, o embasamento deste trabalho será de acordo com o olhar sociológico de Mauss (2010) e Florestan Fernandes (1979) que definem a terminologia como um meio social para a criança. Ainda, segundo a interpretação de Anete Abramowicz (2011), para Florestan não existe uma infância, nem mesmo infâncias, no plural, mas sim uma cultura infantil, “que trata da formação do ser social e do processo de socialização da criança, a partir de seu próprio grupo social” (2011, p. 19). Dessa forma, compreendo aqui a “sociedade crisálida” (FERNANDES, 1979) ou a cultura infantil como uma organização em que “há uma maneira social de ser pai, mãe e criança, e isso é aprendido também na ‘rua’ de maneira informal, e entre os pares” (ABRAMOWICZ, 2015, p. 18). Este é um fator que será destacado nas entrevistas apresentadas aqui, posto que os entrevistados descrevem sua infância como período marcado pelas brincadeiras, atividades essas que foram aprendidas com seus pais e que eles próprios ensinaram a seus filhos e netos. Portanto, a análise das narrativas priorizará o aspecto protagonista¹¹ dessas pessoas quando crianças, na história de sua própria infância.

A História hegemônica de Sorocaba é resumida, até os dias de hoje, em como Baltazar Fernandes com suas boas intenções escolheu nossa terra para abrigar os seus e em como os bandeirantes e tropeiros, com sua importante missão de desbravar o país e fazer girar a economia da região sudeste, moldaram e fundamentaram a sociedade da cidade para que ela fosse o que é hoje. Grandes nomes são gravados em viadutos e solenes bustos são erguidos em memória de personagens que, de forma ou outra, se

¹¹ Conceito de protagonismo infantil segundo Faria, A, 2011.

destacaram em meio aos importantes acontecimentos históricos, como a fundação de Sorocaba, a instalação do pelourinho, a Revolução Liberal de 1842, a inauguração da Estrada de Ferro, entre muitos outros.

Ora, dessa História com “h” maiúsculo todo sorocabano já ouviu falar, contudo, parece ser mais complexo observar que costumes e relações necessitam da influência de muito mais do que apenas grandes figuras históricas. Carecem de convergências antepassadas, tradições, mitos, ditos e práticas vividos por pessoas que não são citadas nos livros de história das escolas e nem mesmo são lembrados por muitos educadores, pois esses também só conheceram a História de Sorocaba. Não se lembra que ao “povoar” a terra rasgada Baltazar trouxe consigo em torno de 370 escravos indígenas¹² a fim de que eles construíssem os Casarões¹³, a igreja de Nossa Senhora da Ponte¹⁴, o Mosteiro São Bento¹⁵, a Fazenda Ipanema¹⁶ (Flona

¹² ALMEIDA, 1969.

¹³ Alguns exemplos de casarões construídos antes ou depois do século XIX são: o casarão de Brigadeiro Tobias - hoje conhecido como Centro Nacional de Estudos do Tropeirismo, localizado na Rua Antônio Fratti - e o casarão da Marquesa de Santos - hoje conhecido como Museu Histórico Sorocabano, localizado na Rua Teodoro Kaisel. Acesso em: <http://cultura.sorocaba.sp.gov.br> ou em ALMEIDA, 1969.

¹⁴ Teve o início de sua construção em 1782, é localizada hoje na Praça Coronel Fernando Prestes. Acesso em: <http://www.catedralde.sorocaba.org.br/catedral> ou em ALMEIDA, 1969.

¹⁵ Fundado em 1660, localizado no Largo São Bento. Acesso em: <https://mosteirosorocaba.org/> ou em ALMEIDA, 1969.

¹⁶ Siderúrgica que funcionou desde 1810 até 1895 em região que era considerada de Sorocaba, mas hoje pertence ao município de Iperó,

Ipanema), entre tantos outros patrimônios da cidade. Não se lembra que o perfil econômico de Sorocaba se deu, não só pelas passagens anuais dos tropeiros em busca de comprar novas mulas na feira de muares, mas também, e principalmente, pelos moradores que, por não ter tanta terra fértil para plantar, nem outras opções agrícolas que não fossem o algodão, apostavam e se dedicavam todo o ano aos produtos artesanais que fabricavam e que venderiam na feira de Muares, possibilitando que alimentassem suas famílias. Não se lembra tão pouco dos escravos africanos que serviram suas sinhas e seus senhores, preparando suas refeições, cuidando de seus filhos, limpando seus casarões, trabalhando em suas lavouras de algodão e, em frequentes casos, colocando fim à própria vida, provavelmente por não ter conseguido usufruí-la com liberdade.

Em minha pesquisa de Iniciação Científica, analisei periódicos do “Diário de Sorocaba”, de 1881 a 1892 e de “O Ypanema”, 1872 - 1873, e percebi serem frequentes as notícias de escravizados que tiravam a própria vida, fosse por enforcamento ou por arma de fogo, como no exemplo a seguir:

O preto Adão, escravo do sr. José Ferreira Prestes, depois de condenado à pena de 200 açoites e a trazer gancho no pescoço, tentou suicidar-se por meio de estrangulação, pendurando-se pelo pescoço em um lenço que atara às grades da janella do quarto que servia de latrina. Não pode lograr esse intento, porque o lenço rasgou-se, e com a queda attrahiu a atenção dos mais presos.

localizada na Rodovia Sorocaba Iperó. Acesso em: <https://coisosonthego.com/fazenda-ipanema-sorocaba/> ou em ALMEIDA, 1969.

A sentença de 200 açoites já foi executada, faltando ainda se cravar o gancho ao pescoço. Bellezas de nossas leis patrias! (O Ypanema, 7 de outubro de 1872).

Embora inúmeras pessoas e fatos não sejam lembrados acerca da *grande história* sorocabana, compreendi a necessidade de me debruçar sobre os estudos de pesquisadores¹⁷ que, mesmo tradicionais, são referência para o entendimento da contextualização histórica da cidade. Portanto, esclareço que as referências utilizadas nos próximos subtítulos visam referenciar uma linha temporal tradicional dos acontecimentos, justamente para evidenciar a necessidade que urge de se pesquisar a vivência dos que não são lembrados, as pessoas comuns, frente a ausência de análises sobre suas vidas no meio acadêmico. É por esse motivo também, que a pesquisa se faz relevante para a educação, pois demonstra como os sorocabanos viviam e quais suas contribuições para o modo como se vive hoje na cidade, destacando assim a urgência de se discutir nas salas de aula a história sorocabana para além da herança tropeira.

Com este livro visamos auxiliar o esclarecimento sobre o movimento da história para a educação e para outras áreas de conhecimento, não pretendendo ser um trabalho final, mas num movimento de ligação entre o passado e o presente. Considerando que, a partir da compreensão dos acontecimentos que nos trouxeram até o momento presente, seja possível contribuir para o entendimento da constituição da infância hoje.

¹⁷ ALMEIDA (1969), NETTO (2015) e PRESTES (1999).

TERRA RASGADA

Nesse capítulo apresento aspectos da história de Sorocaba que tradicionalmente são trabalhados nos currículos escolares. Tal apresentação se faz necessária à medida em que intento no capítulo 3 apresentar uma outra perspectiva da cidade, segundo o olhar dos entrevistados. Proporcionando assim um contraponto entre a narrativa distanciada dos acontecimentos e as narrativas nos entrevistados, protagonistas da história sorocabana.

No século XVI bandeirantes e desbravadores viajavam pelos cantos do Brasil a fim de explorar suas terras, com o objetivo de acúmulo de riquezas minerais, especiarias e afins, mesmo que para tanto custasse o domínio de indígenas escravizados ou dizimação dos que se mostrassem resistentes. Tal cultura, trazida para toda a América Latina pelo olhar estrangeiro ambicioso, faz parte também do passado da terra hoje conhecida como Sorocaba, que começa a ser contado no século XVII.

Segundo Almeida (1969) no ano de 1600 havia na região diversos grupos tupi-guaranis, sendo: “os tupis do Tietê, os tupiniquins e os guaianazes de Piratininga, os carijós dos campos de Curitiba, os guaranis do Paranapanema e outros guaianazes, talvez das nascentes dêsse rio” (1969, p.17), tais grupos foram interpelados com a descoberta de ouro no morro Araçoiaba, que significa “esconderijo do sol” em tupi, fato que atraiu um pequeno vilarejo que ali se instalou. Ainda hoje existem conservadas urnas funerárias das tribos que

nesse morro habitavam apesar de a presença indígena na região ter sido, por vezes, transitória, posto que as margens do rio desmoronavam com frequência, fenômeno¹⁸ que forçava as tribos a se deslocarem para outros lugares¹⁹.

A exploração de indígenas é crescente nessa época, compreendendo-os como conhecedores natos da terra e de suas fontes de riquezas. No ano de 1639 jesuítas de São Paulo e Santos que se posicionam contra a escravidão indígena foram expulsos da região²⁰, fato que demonstra o interesse na lucratividade que o domínio escravo gerava.

A Sorocaba, que significa terra rasgada, se mostrou, por fim, farta em ferro, não em ouro, motivo que incentivou, em 1654, a migração do vilarejo para onde hoje se encontra a cidade propriamente dita, inicialmente conhecida como Vila Nossa Senhora da Ponte. Acerca disso, Almeida (1969) descreve a chegada de Baltazar Fernandes à região:

Podemos supor, pois, que a mudança não se faz num dia ou dois ou três de viagem, por uma extensa caravana do chefe, da maratona, filhas solteiras, casadas e genros, ao Aputribú, uma longa jornada. Os índios viajavam a pé e também carregavam fardos. Já havia cavalos para os bancos, muito poucos embora. Os mesmos podiam servir de cargueiros em várias viagens, na falta de burros, então inexistentes. Ném é hipótese absurda o carro de boi, num caminho mau, de mais de meio século, com a ponte no rio grande, ao chegar (1969, p. 25).

¹⁸ Segundo Prestes (1999), esse fenômeno foi nomeado pelas tribos tupis por *voçoroca*.

¹⁹ (PRESTES, 1999).

²⁰ (ALMEIDA, 1969)

Almeida cita ainda que entre a caravana de Baltazar poderia haver até 370 indígenas escravizados, conhecidos na época como *administrados índios*, e segue descrevendo ao longo de cinco longas páginas toda a linhagem de Baltazar Fernandes - esforço que não é dedicado à pessoas ordinárias do ponto de vista da história positivista - exaltando seu nome como na citação: “Foi a vontade de um homem desejoso de imortalidade terrena e celeste, que fundou a cidade e a religião na paragem de Sorocaba, coordenando os motivos econômicos presentes ou futuros” (ALMEIDA, 1969, p. 39 - 40).

Uma das primeiras ações do bandeirante ao se instalar com sua caravana foi a ordem de construção, realizada pelos indígenas, da igreja Nossa Senhora da Ponte, hoje conhecida como Mosteiro São Bento, fato que incentivou o nome da vila. Muitos escravizados, indígenas e africanos, foram nesta igreja batizados²¹.

Em 21 de abril de 1660 Baltazar Fernandes garantiu a fundação (da igreja) doando aos Padres de São Bento, de sua Parnaíba, a capela, terras, um touro, doze vacas, moço índio para a sacristia e moça para a cosinha, doze índios para a lavoura e criação, uma roça de mandioca para comêço, a propriedade da vinha e do moínho, reservando-se o uso-fruto, tudo isso desde a assinatura da escritura... (1969, p. 33).

Assim tem início a constituição da sociedade da Vila Nossa Senhora da Ponte, que segue a formação de

²¹ Há registros desses batismos no acervo online da Cúria Metropolitana de Sorocaba, cujo acesso é possível por meio do site: <http://www.familysearch.org>

Portugal, cuja divisão se dá entre três classes: clero, nobreza e povo, sendo que abaixo do que se classifica “povo” estavam os agregados²² e por fim os escravizados²³. Segundo Almeida (1969), apesar de tal cisão, as classes se inter-relacionavam, no sentido de que não necessariamente aqueles que faziam parte do povo não poderiam ascender ao clero ou à nobreza. “O plebeu tornava-se nobre e vice-versa” (ALMEIDA, 1969, p. 36). O funcionamento político da vila também não se difere das outras cidades do Brasil, posto que as eleições eram restritas a homens brancos e de posses cujas indicações eram baseadas em fatores morais. As votações aconteciam a cada três anos por meio dos pelouros, sistema que funcionava da seguinte forma:

Os que uma vez foram vereadores eram os ‘homens bons’ que compareciam à Câmara trienalmente, elegendo pelo sistema dos pelouros, juizes e vereadores. Os nomes votados em segredo eram pelo juiz presidente apurados até a maioria necessária para os três anos. Chamava-se a isso ‘limpar a pauta’. Não havia urna. O ‘homem bom’ dizia os nomes a quem escrevia. Três papéis com cinco nomes eram colocados em três bolas ovas de cêra, os pelouros, e chaveados êstes no cofre da Câmara. Em janeiro um ‘anjo’, isto é, um menino tirava a bola para aquele ano, à sorte. Na substituição por morte ou licença, o anjo tirava um papelzinho com o nome, dos muitos de chapéu, como se fazem os juizes de festa. Era a eleição de barrete (ALMEIDA, 1969, p.36-37).

²² Segundo Almeida (1969), os agregados eram parentes distantes e sem condições de se sustentar, cuja família de parentes acolhia e alimentava em troca de seus serviços.

²³ ALMEIDA, 1969.

Nesta citação se encontra, dentre todos os materiais de estudiosos de Sorocaba que estudei, a primeira citação à criança no contexto dessa época, e é válido destacar que tal citação traz à luz uma consideração acerca do que é ser criança, como sendo um papel de ingenuidade, ao passo que se refere ao menino como *anjo*.

No século XVIII, a escravidão vermelha, indígena, passa a diminuir e ser substituída pouco a pouco pela africana. Ocorre também no início deste século a criação e venda de animais na vila²⁴, tendo seu auge a partir da criação do Registro de Sorocaba, responsável por fiscalizar e controlar a venda de animais, o trânsito das tropas e a arrecadação de impostos sobre animais - determinada pela Coroa, a fim de financiar a reforma de Lisboa, destruída por um terremoto. Aproximadamente em 1750, o comércio de animais aumentou e se consolidou passando a promover o crescimento da vila, atraindo assim a construção de fábricas de ferro, já que era o único minério da região, contudo, seu desenvolvimento foi tamanho que a corte portuguesa se sentiu ameaçada e, em 1785, proibiu a fabricação na colônia brasileira exceto pela produção de panos de algodão²⁵. Mesmo assim as primeiras tentativas de fábricas têxteis de Sorocaba deram-se apenas após a independência do Brasil, em 1852, seguidas pela criação da Companhia Sorocabana, 1871, e da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1875, e é a partir dessa fase que a história da cidade é realmente contada. Segundo Almeida (1969), em 1780 a população de Sorocaba era de 6.614

²⁴ BADDINI, 2002.

²⁵ PRESTES, 1999, p. 12-22.

habitantes, sendo 1.174 escravizados, basicamente numa proporção de uma pessoa escravizada para cada seis livres, resultando também em 5.440 pessoas brancas.

A primeira década do século XIX não apresenta mudanças para a região de Sorocaba, os principais acontecimentos registrados se iniciam a partir das décadas de 1820 a 1840 em que ocorrem o grito de independência, a abdicação de D. Pedro I de seu posto e a criação da lei da maioria. Tais acontecimentos influenciam um importante marco político sorocabano: a Revolução Liberal, que ocorre em 1842, mesmo ano em que a vila é promovida a cidade. Segundo Almeida “As leis de reforma dos códigos e do Conselho de Estado, tachadas de anticonstitucionais, foram o pretexto - digamos - jurídico para a Revolução” (1944, p. 27). Dentre as leis contestadas se encontravam a Lei de 23 de novembro de 1841 que criou o Conselho de Estado, do qual D. Pedro II participaria como conselheiro apenas quando tivesse dezoito anos; e a Lei de 3 de dezembro de 1841 que visava a reforma do código de processo criminal, em vigor desde 1832. Tais leis foram consideradas opressoras e a motivação que o partido liberal aguardava para levantar sua bandeira e começar a revolução. Neste recorte temporal, em 1825 é criado o Hospital de Misericórdia, sendo inaugurado em 1826; em 1835 a província sorocabana cria o cargo de prefeito, por eleição do governo e na década de 1840 chegam a Sorocaba os primeiros imigrantes²⁶.

Em relação à instrução primária sorocabana nessa época, segundo Almeida (1969), havia um professor,

²⁶ ALMEIDA, 1969.

Gaspar Rodrigues de Macedo, chamado mestre-régio, que, em aproximadamente 1830, foi sucedido por Jacinto Vasconcelos. Na mesma época foi criada a escola feminina, regida por D. Vicentina Adelaide de Vasconcelos. Em torno de 1855 criou-se a segunda escola masculina em que um dos professores era Abreu (Francisco Luiz de Abreu Medeiros²⁷). Em 1874 havia duas escolas particulares, uma para cada sexo e um colégio. “Sempre houve mestres particulares, entre os quais alguns ensinavam a ler de manhã, e música de tarde, como Evaristo de Castro. Vinte escolas ao todo, em 1887” (ALMEIDA, 1969, p. 215). Com relação à instrução secundária o autor diz em 1857 foi fundado o colégio particular e internato do Lajeado, no município de Campo Largo. Em 1886 a câmara cria o Liceu Sorocabano, sendo o diretor e professor de francês, latim, português e aritmética, Artur Gomes. Em 1874 é criado o Colégio União Sorocabano, duas sessões masculinas.

A década de 1850 se inicia com a abolição do tráfico de africanos escravizados, fato que não interferiu nas atividades econômicas e cotidianas brasileiras de imediato, posto que o comércio dessas pessoas continuou por muitos anos mesmo que clandestinamente. Em 1852, segundo Lucinda Prestes (1999) se inicia em Sorocaba as primeiras criações de fábricas de tecelagem e algodão.

1860 é uma década marcada em Sorocaba por quatro importantes acontecimentos: a primeira epidemia de varíola da cidade que ocorreu entre 1863 e

²⁷ Cronista sorocabano do século XIX, cuja obra “Curiosidades Brasileiras” (1864) analisei em minha pesquisa de iniciação.

1865; a Guerra do Paraguai em 1865, cuja luta contou com vários sorocabanos; a fundação do Gabinete de Leitura Sorocabano²⁸ e de sua Associação, tendo Matheus Maylasky como presidente, entre 1866 e 1867; a instituição da loja maçônica *Perseverança III*²⁹ em 1869 - que criou a primeira escola noturna destinada à alfabetização de adultos pobres, em sua maioria adultos escravizados e seus filhos, a fim de atender às necessidades de seus senhores de ter funcionários que soubessem ler, escrever e contar. Suas atividades foram mantidas até a metade do século XX. Nesta época, Sorocaba ficou conhecida como cidade branca, afinal, era grande o plantio de algodão nas terras posto que seu cultivo era fácil e fértil, tal realidade deu início ao apontamento da cidade para um perfil industrial.

As décadas de 1870 e 1880 foram o contexto de início da *Manchester Paulista*, momentos em que se inicia a decadência da venda de tropas, tendo como consequência a mudança do foco comercial para a produção e transporte de algodão, ferro e tecidos - principalmente a partir da inauguração da primeira fábrica de tecidos da cidade, em 1882³⁰ - bem como a imigração de europeus para Sorocaba. Em 1871 cria-se no Brasil a Lei do Ventre Livre enquanto em Sorocaba tem início a Companhia Sorocabana. Em 1875 inaugura-se a Estrada de Ferro Sorocabana que liga Sorocaba à São Paulo e permite a distribuição das produções locais. Em

²⁸ Existente ainda nos dias de hoje, localizado na Rua São Bento, Praça Coronel Fernando Prestes, nº 21.

²⁹ Localizada hoje na rua Barão do Rio Branco, nº 45, Centro.

³⁰ SILVA, 2010.

1888 ocorre a extinção da escravidão africana no Brasil. Segundo Almeida (1969), em Sorocaba:

De 1870 em diante é comum nos jornais a subscrição em favor da libertação de escravos determinados, seguindo-se o respectivo agradecimento.

Em 1887, em dezembro, o povo comparecia à estação fazendo embarcar os escravos fugidos, mesmo lutando contra a política. Oetterer protegia o embarque.

Em 25 de dezembro desse ano reuniram-se no Paço Municipal as pessoas gradas da cidade e deram a liberdade festivamente, aos últimos escravos, é verdade que alguns sob a condição de trabalharem por um ano para os senhores. E o telegrafo cantou a todo o Brasil aquelas duas palavras mágicas: Sorocaba redimida. No dia 13 de maio à noite chegou o telegrama anunciando a Lei Áurea. Festas a valer (ALMEIDA, 1969, p. 233 -234).

Em 1889 ocorre a proclamação da República. A primeira Câmara Municipal de Sorocaba tomou posse no ano de 1892.

A Virada do Século

Segundo Almeida (1969) e Gaspar (1967), período da década de 1890 até as duas primeiras décadas do século XX foi marcado primeiramente por sofridas epidemias que provocaram a evasão de moradores e a queda do comércio de Sorocaba, no entanto, com a virada do século as transformações tecnológicas da modernidade se aceleraram e o progresso, no sentido de melhoria e expansão, se viu acontecer no âmbito da educação, a medida em que cada vez mais escolas abriam, e no âmbito do trabalho, considerando os movimentos trabalhistas que passaram a lutar por

melhorias. Recorte evidenciado então por mudanças de caráter social, econômico e urbano.

No Brasil República, o ano de 1897 foi o mais relevante na última década do século XIX para a cidade sorocabana, posto que foi tempo em que, não só as epidemias de febre amarela acometeram a metrópole, como também ocorreu a última feira de muares,³¹ fatos que começam a ditar a realidade de Sorocaba na virada do século. A primeira epidemia de febre amarela foi o estopim para o fim da feira que, pela promoção de passagens e vendas de animais no centro da cidade, foi culpabilizada pela proliferação da doença.³² Findado o comércio anual de animais, o empenho dos moradores e investidores da região se voltou apenas para as indústrias - cria-se nessa década as indústrias Votorantim, Santa Maria e Santa Rosália - que atraíam moradores, imigrantes e sorocabanos, por conta de suas ofertas de emprego.

O crescimento industrial da cidade foi interrompido pelo segundo surto da febre, que teve início em 1899 e dessa vez se manteve até o ano de 1906,³³ afastando muitas famílias que fugiam para a capital ou outros centros urbanos em que a doença não tivesse se alastrado, como foi o caso da família do escritor Antônio Francisco Gaspar que registrou suas memórias. Segundo ele a experiência de quem morou na cidade em meio a tal doença é repleta de recordações dolorosas:

³¹ Animal híbrido das espécies de burro e cavalos, preferido por sua resistência à pesadas cargas e longas trilhas.

³² BADDINI, 2002.

³³ ALMEIDA, 1969.

A febre amarela grassava veemente em Sorocaba, ceifando indivíduos ricos e pobres. Era uma calamidade incomparável. Médicos, farmacêuticos, eclesiásticos, enfermeiros e inúmeras pessoas do povo, ajudavam a socorrer os doentes atacados daquela infausta febre.

Pelas ruas de Sorocaba, os carretões da higiene andavam com seus homens. Levavam instrumentos desinfetadores com substâncias fortes, ácido fênico, creolina, etc. e penetravam de casa em casa, com o fim de esguicharem pelas paredes de todos os cômodos aqueles desinfetantes, procurando, assim, dissipar essa moléstia fatal.

Os basbaques apelidaram de 'Rabecão' um carro fechado e puxado a animal. Transportava para o Cemitério da Saudade, os inúmeros sorocabanos que sucumbiam quotidianamente...

(GASPAR, 1967, p. 23)³⁴.

Após a redução do surto, aproximadamente em 1903, aos poucos antigos moradores retornaram, comerciantes abriram novamente suas portas e o cenário tornou-se mais uma vez propício a uma potência da indústria. A primeira década do século da modernidade viu chegar à Sorocaba as primeiras obras de saneamento básico - concomitantemente com a Revolta da Vacina em âmbito nacional no ano de 1904 - muito cobradas pela população após tamanho sofrimento em detrimento de doenças, no entanto, o crescimento da população superou o planejamento de tubulações realizado, por isso a rede da

³⁴ Mesmo tendo sido considerada erradicada, a Febre Amarela reincide atualmente na cidade de Sorocaba e em suas redondezas. Fato que provoca a reflexão sobre os aspectos que outrora podem ter sido incitadores da doença, como falta de saneamento básico e a medicina pouco desenvolvida. Atualmente os avanços médicos e o acesso à informação permitem que o contágio seja controlado e, na maioria das vezes, evitado.

cidade desde o início foi formada de readaptações.³⁵ Neste mesmo período Sorocaba viu chegar o Colégio Diocesano Nossa Senhora da Consolação, em 1900, e o Colégio Santa Escolástica, 1908, os clubes de futebol, como o *Club Atlético Sorocabano* e o *Infantis Sport Club São Bento*,³⁶ e a luz elétrica que, embora tenha sido “insignificante” como disse Gaspar (1954, p. 192), possibilitou a vinda tão esperada do cinematógrafo, em 1903, e a inauguração do Teatro São Rafael em 1909. Divertimentos apreciados pelos moradores que costumavam se entreter à noite apenas em ocasião de festas religiosas.

Em 1911 são fundados o Ginásio Sorocabano e a Escola Técnica Coronel Fernando Prestes. Nesse ano tem início também o surto de varíola que perdura até o ano de 1912.³⁷ Em 1915 é inaugurada a ponte de bondes, cenário do cotidiano de muitos dos entrevistados nesse trabalho, e seu funcionamento terá fim apenas em 1959. Em 1917 há a primeira, considerada a maior, greve trabalhista sorocabana, momento em que todos os operários têxteis entraram em greve, o comércio fechou suas portas e o governo pediu reforços policiais. A greve durou dois dias, mas empresas como Votorantim e o Banco da União foram à falência.³⁸ Segundo dados³⁹ levantados por Almeida

³⁵ ALMEIDA, 1969.

³⁶ GASPAR, 1954

³⁷ Nos estudos feitos em revisões bibliográficas, não há mais detalhes sobre este surto, o que leva a crer que não tenha abatido rigorosamente os moradores da cidade como o fez a epidemia de febre amarela.

³⁸ ALMEIDA, 1969.

³⁹ Se calculados meticulosamente os dados da obra de Almeida (1969) não são coerentes, no entanto auxiliam a compreensão, num quesito

(1969, p. 290), no ano de 1932, em pleno governo provisório, havia nas indústrias da cidade em torno de 5.910 crianças trabalhadoras sendo, somente na Votorantim, 658.

Diante de um cenário nacional de atuação do Estado Novo, Reformas Francisco Campos, Movimento Escolanovista, criação das primeiras universidades do país e implantação da Reforma Capanema, a cidade interiorana de Sorocaba permaneceu no mesmo panorama, sem muitas alterações entre a década de 1930 a 1950.

É neste contexto que os entrevistados apresentados nasceram e viveram sua infância, em uma Sorocaba que, segundo Arnaldo Pinto Júnior:

constitui um símbolo de superação de uma sociedade, como tantas outras no Brasil, que enfrentou problemas de transformação, foi dependente de uma produção de riqueza agrícola e comercial, lutou contra doenças endêmicas e que, finalmente, venceu o atraso representado pelo passado e assegurou um posto entre as cidades civilizadas e modernas no país (2003, p. 61).

Diante da contextualização temporal realizada acima, intento evidenciar a forma como as vidas e realidades individualizadas que serão aqui contadas se relacionam com um contexto macro, acontecimentos e ideologias que ditaram o modo de interpretação que cada uma dessas pessoas tem sobre suas memórias.

dimensional da realidade social na cidade. O número apresentado aqui é resultado da subtração do número total de trabalhadores apresentado pelo autor pelo número das pessoas classificadas como “maiores”.

DOS MÉTODOS AO LAÇO DA AMIZADE

Fruto decorrente da Nova História, a história oral foi inserida pela primeira vez ao Brasil na década de 1970, embora a discussão sobre seu uso tenha se expandido a nível nacional apenas na década de 1990, principalmente por meio da Associação Brasileira de História Oral, criada em 1994.

De início, a história oral era sintetizada ao método de coleta e transcrição de entrevista, no entanto, com o passar dos anos se constituíram três diferentes visões acerca do termo: uma, a considera como disciplina; outra, como técnica; e a terceira, como metodologia. A história oral considerada como técnica, leva os pesquisadores a priorizarem a prática, ou seja, aos registros e conservação das entrevistas. Já a concepção do fenômeno como disciplina, considera a história oral como um grupo de conceitos que direciona outras ramificações da história, não sendo ele uma ramificação em si. Por fim, a história oral como metodologia é considerada como a prática que se relaciona dialeticamente com a teoria, de modo que, a partir dos estudos teóricos, se pauta na metodologia a fim de suscitar questões ou de complementá-las e posteriormente torna a se debruçar nos campos teóricos a fim de responder a tantos questionamentos.¹

Neste livro o(a) leitor(a) terá contato com uma pesquisa de caráter qualitativo e que se estrutura na

¹ FERREIRA & AMADO (2002)

história oral como metodologia, com o entendimento que compactua com a definição de Ferreira & Amado:

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho - funcionando como ponte entre teoria e prática (2002, p. 16).

É relevante também esclarecer que as entrevistas serão consideradas como fonte oral, não como arquivo oral. Entendendo fonte oral como “o material recolhido por um historiador para a necessidade de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informação que lhe pareça necessário possuir” (VOLDMAN, 2002, p.36. Apud. SANTOS, 2005, p.15).

O processo de pesquisa ocorreu em cinco momentos: 1) Seleção de entrevistados; 2) Definição do roteiro da entrevista; 3) Gravação das entrevistas; 4) Transcrição; e 5) Revisão, leitura com os entrevistados.

Para a seleção dos entrevistados delimitei dois critérios: todos deveriam ter vivido sua infância em Sorocaba, entre os anos de 1920 e 1950. Dessa forma, foram selecionados seis entrevistados, sendo dois homens e quatro mulheres, destes, a pessoa mais nova tinha 68 anos e o mais velho 88 anos. Todos os entrevistados autorizaram a revelação de seus nomes e

concederam de bom grado fotografias que registraram importantes momentos de sua infância².

Quadro 2: Análise de dados dos entrevistados.

Característica	Quantidade
Com idade entre 60 e 70	2
Com idade entre 71 a 80	1
Com idade entre 81 a 90	3
Mulheres	4
Homens	2
Total:	6

Quadro 2 - Análise de dados dos entrevistados³. Fonte: Dados coletados por SEWAYBRICKER, Gabriela M.

As perguntas do roteiro direcionador das entrevistas foram pensadas de acordo com o objetivo da pesquisa de compreender como foi a infância dos entrevistados, se foi influenciada pelos ensinamentos e vivências de seus antepassados e se os costumes e experiências dessa época influenciam na forma de viver a infância das crianças atualmente.

Esclareço ainda que a prática das entrevistas não se limitou a uma hora marcada, a gravação de um relato e uma despedida. Tal qual explicita Ecléa Bosi, “a entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade” (2003, p.60) e não deve se resumir a uma

² Anteriormente à gravação da entrevista, apresentei aos entrevistados um termo de consentimento que garantia a confidencialidade de seus nomes. Apenas depois da transcrição das entrevistas, da releitura e correção feita com cada um, e mediante suas aprovações, é que apresentei a eles um termo de consentimento de publicação de seus nomes e de suas fotografias.

³ As idades que constam no quadro se referem ao ano de 2017 quando foi realizada a pesquisa

coleta, mas à prontidão de se colocar à escuta e se fazer aprendiz das tantas lembranças e ensinamentos que os entrevistados têm a oferecer. Também deve ser um processo que inclua o entrevistado em todos os momentos, revisões, consentimentos e publicação, com garantia de quantos retornos forem desejados.

Esse foi meu intento na decorrência do contato com eles. Dessa forma, fiz a primeira abordagem por telefone ou pessoalmente, explicando o objetivo da pesquisa, e agendando a melhor data para eles. Cinco deles me acolheram em suas casas para a realização da entrevista, fato que contribuiu bastante para que se sentissem confortáveis e dispostos a falar mais livremente sobre sua vida. D. Ana Maria optou por me receber na biblioteca onde trabalha e o registro de suas narrativas foi realizado em formato de depoimento. Sr. Marcos preferiu realizar a entrevista de forma escrita. Diante da possibilidade de escolha, a gravação das entrevistas se fez por gravadores de voz ou por câmera de vídeo.

A condução das entrevistas não se repetiu da mesma forma em nenhum dos casos, apesar de o roteiro utilizado ter sido o mesmo. Do mesmo modo nem todas as perguntas foram feitas para todos os entrevistados. Isso se dá pela percepção de que os primeiros entrevistados não se sentiam à vontade em *conceder uma entrevista*, pois se sentiam receosos de responder *errado* alguma das questões. Foi então que iniciei apenas perguntando o nome e a idade dos entrevistados e das entrevistadas, depois pedindo: "O(a) senhor(a) pode contar um pouco sobre sua infância?". Desta forma os entrevistados se entretinham no mundo de suas

lembranças esquecendo da câmera ou do gravador e sentindo-se mais à vontade para falarem sobre si. A medida em que a narrativa seguia, uma ou outra pergunta era inserida, de forma natural. Com exceção do caso de d. Ana Maria que preferiu ler as perguntas com antecedência e depois falou de forma livre, assim registrei sua narrativa como um depoimento.

A seleção de fotografias foi realizada pelos entrevistados, seguindo seus próprios critérios sobre quais seriam mais relevantes a serem publicadas. Tal oportunização se mostrou preciosa, pois a contemplação das imagens suscitava lembranças que poderiam não ser rememoradas na falta das mesmas. Afinal, como diz Maria Walburga dos Santos: “A fotografia não representa somente o olhar do fotógrafo [...] Ela interage com seu leitor e pode provocar leituras diferenciadas daquelas a que se propõe o autor” (2005, p. 21).

Após a gravação, transcrevi todas as falas e as levei, separadamente, cada qual para seu narrador, a fim de que lessem, corrigissem, acrescentassem e retirassem tudo o que lhes conviesse. Feitas as alterações, apresentei para uma segunda análise. Mediante suas aprovações, entreguei o termo de consentimento, que todos assinaram. Entre cafés e bolos em alguns casos retornei mais vezes a fim de receber algumas fotos ou mesmo de só me colocar como ouvinte de vivências tão emudecidas pela falta de tempo que impede a troca de experiências e a construção de relações verdadeiramente humanas.

Penso que poderia ter estreitado os laços ainda mais, contudo o curto prazo não me oportunizou tantas chances. Mesmo assim, a conclusão dessa pesquisa não

significou um rompimento dessas relações, pois continuei ansiando por ouvir mais sobre as traquinagens do sr. Marcos, os conselhos do sr. Samuel, as brincadeiras de d. Neide, as risadas de d. Lourdinha, a militância de d. Ana Maria e os bailados de d. Anita. Reforço aqui os meus sinceros agradecimentos a vocês que tanto me ajudaram e tanto contribuíram para que o nosso encontro não fosse indiferente e fizessem de mim uma pessoa melhor. Em memória de Dona Anita e Senhor Samuel que já partiram desta vida. Meu eterno agradecimento por ter com vocês convivido e poder registrar nessas páginas apenas um pouco de suas maravilhosas histórias.

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

Compreendendo a memória como um fenômeno psicológico e individual, mas que se relaciona com um contexto macro (constituído de ideologias) que incentiva a rememoração ou o esquecimento; e que é um sustentáculo da história, não a história em si, houve um processo de estudo¹ e de sensibilização anterior à aplicação das entrevistas, pois reconheci a importância do desenvolvimento de um olhar sensível à condição da velhice, possibilitando a prática da empatia ao construir relações com os entrevistados.

Não há aqui pretensão alguma em declarar a total compreensão da velhice, pois só realmente a conhece quem está vivendo esta etapa, contudo, intentarei evidenciar a visão experiente de pessoas que não só viveram em períodos anteriores, como carregam em seus corações e pensamentos a tenra lembrança de sua meninice que contribuiu para a construção de quem são hoje, bem como para a formação de suas gerações posteriores.

Assim sendo, a análise que se seguirá agora é fruto do esforço em elucidar os pensamentos e falas que muitas vezes são desvalorizados ou esquecidos por grande parte da sociedade, afinal, em pleno sistema capitalista que valoriza a mão de obra sadia e a geração de lucro para a conservação do capital, o perfil dos

¹ O aprofundamento foi realizado por meio das obras de Ecléa Bosi (2003 e 2004), Jacques Le Goff (2003) e Ferreira & Amado (2002).

velhos deixa de ter importância, pois já não podem mais vender sua força de trabalho, o que conseqüentemente torna inaudíveis seus conselhos, vivências, e falas. Uma vez que não é interessante à sociedade a rememoração das lembranças dos velhos, esses passam pouco a pouco a esquecer de seu próprio passado. Por isso a urgência em incentivar à escuta de seus depoimentos, pois “a lembrança é a sobrevivência do passado”².

Como explicitado no capítulo anterior, realizei contato com seis entrevistados, dos quais, quatro concederam entrevista, uma concedeu entrevista e depoimento, e uma prestou apenas depoimento. O seguimento deste capítulo ocorrerá de forma a apresentar os entrevistados e posteriormente analisar as entrevistas diante da definição de pontos específicos que todas trazem em seu conteúdo.

A primeira entrevistada foi d. Neide Baddini Mantovani, a mais velha de três filhos, neta de tropeiro, sendo seu pai contador e sua mãe dona de casa. Cresceu na pacata rua João José Dias, cercada de amigos com quem praticava as brincadeiras mais comuns da época e cujas descrições se encontram no livro de crônicas que escreveu em 1992, “Sorocaba Diacrônica” em que descreve também o cotidiano da cidade desde sua



Figura 2 – 1940, D. Neide com quatro anos de idade. Acervo pessoal: Neide Baddini Mantovani.

² BOSI, 2004, p.53.

infância até a vida adulta. Foi formada na escola normal em magistério, trabalhando primeiramente como professora substituta no Estadão e em seguida, por concurso, na Associação Estrada de Ferro Sorocabana, onde permaneceu por vinte anos, período em que também se formou em Letras. Trabalhou também na secretaria de educação da prefeitura e concomitantemente lecionava aulas noturnas da Escola Técnica Rubens de Faria e Souza. Atualmente com oitenta e sete anos é casada, mãe de dois filhos, professora aposentada e consultora da infância para muitos pesquisadores que admiram e usufruem de sua memória detalhista.



Figura 3 – 1950 Sr. Marcos com 10 anos. Acervo pessoal: Marcos Maldonado Rodrigues.

Em seguida, realizou-se entrevista com o sr. Marcos Maldonado Rodrigues, o terceiro filho dentre quatro homens e duas mulheres, sendo seus pais imigrantes espanhóis que vieram para o Brasil ainda crianças. Cresceu em um sítio na Aparecidinha, bairro de Sorocaba, onde auxiliava seus pais na lavoura e brincava, conciliando suas atividades com a condição de ser hemofílico, assim como todos os seus irmãos homens. Formado na

escola profissional como torneiro mecânico, trabalhou na empresa Massari e posteriormente na fábrica de elevadores Atlas. Em seguida passou a exercer o ofício

de letrista de histórias em quadrinhos, trabalhando para revistas como a Disney e a Editora Abril. Atualmente tem oitenta e dois anos, letrista da revista Tex Brasil, da Mythos Editora. Casado, pai de três filhos e avô de nove netos, senhor de humor e simpatia cativantes.

A terceira entrevistada foi d. Ana Maldonado Girão, ou d. Anita, irmã do sr. Marcos, a mais nova dos seis filhos. cresceu na rua Cel. Nogueira Padilha e frequentou um dos primeiros parques infantis da cidade, concluindo também a escola primária “Quinzinho de Barros”, mas teve os estudos interrompidos pela mudança da família à São Paulo. Voltando a estudar depois de casada, se especializou como cabeleireira atendendo à domicílio. Foi grande companheira de sua mãe até a última hora, fato que corroborou para que tivesse um grande tesouro composto pelas fotos antigas da família e também pelas lembranças que seus pais contavam e que permaneceram vivas e frescas em sua mente. D. Anita foi casada, mãe de três filhos e avó de cinco netos. Faleceu no dia 19 de novembro de 2018, deixando saudade e lembranças calorosas de sua alegria.

As entrevistas se seguiram com o sr. Samuel Germano Gutierrez, o mais velho de quatro filhos, sendo seu pai sorocabano e sua mãe de Tietê, ambos proprietários de uma livraria, que se encontrava na rua Dr. Braguinha, mesma rua em que o sr. Samuel cresceu. Foi gerente da livraria e posteriormente professor de filosofia. Foi esposo de D. Lourdes, pai de cinco filhos, avô de quinze netos e bisavô de quatro bisnetos. Faleceu

no dia 18 de agosto de 2019, deixando muitas lembranças de seus ensinamentos e sabedoria.

D. Lourdinha, ou Maria de Lourdes Vallarelli Gutierrez, foi a entrevistada seguinte. Filha de sorocabanos, seu pai foi comerciante e inspetor de alunos, sua mãe bordadeira e dona de casa. Cresceu na rua Leite Penteadado, em meio a cinco irmãos, estudando sempre mediante o esforço de seu pai em custear sua formação, que segue até o magistério, complementando-se com o curso de Pedagogia. Após ter se casado lecionou até sua aposentadoria. Atualmente, com noventa anos, dedica-se à família constituída com sr. Samuel, com belíssimo sorriso e lindas histórias ávidas por serem contadas.

A sexta entrevistada foi d. Ana Maria de Souza Mendes, filha única de pai sorocabano e mãe avareense, sendo seu pai alfaiate e sua mãe bordadeira. Nascida na rua Capitão José Dias, cresceu na rua Santa Cruz onde construiu fortes laços de amizade que se perpetuam até hoje. Formada em magistério e em Pedagogia, d. Ana sempre se aprofundou e incentivou grupos militantes em favor dos direitos dos negros e em repúdio às injustiças sociais. Foi membro fundadora do CAFUNE³ - tomando frente às exigências de oportunidades para que os negros ocupassem seu lugar de direito nas universidades - acompanhante do MOMUNES⁴, conselheira do Conselho da Mulher e uma das fundadoras do CIM⁵. Atualmente, tem setenta e quatro

³ Caixa Financeira ao Universitário Negro.

⁴ Movimento de Mulheres Negras.

⁵ Centro de Integração da Mulher.

anos e é coordenadora do NUCAB⁶, e símbolo da luta da mulher negra na sociedade.

Feitas as apresentações, convido ao leitor para que, antes de prosseguir com a leitura do capítulo seguinte, se debruce sobre as falas dos próprios entrevistados que estão transcritas nos apêndices deste livro. Faço tal recomendação por reconhecer a riqueza de suas lembranças e a emoção em ler as palavras que eles mesmos disseram ou escreveram, afinal, beber direto da fonte pode ser mais saciante. Nesse momento se reconstruirá o contexto do recorte temporal da pesquisa segundo o olhar dos entrevistados, não do ponto de vista histórico tradicional, como realizado no primeiro capítulo, mas pelo olhar e testemunha daqueles que realmente viveram neste período. Em seguida será realizada a análise de pontos, em comum ou não, relevantes nas entrevistas para o entendimento da sociedade na primeira metade do século XX, e qual o lugar ocupado pelas crianças nessa época.

Horas e Apitos: a Manchester Paulista de nossos protagonistas

Passada a segunda epidemia de febre amarela, Sorocaba retomou com toda força suas atividades industriais, compondo-se assim por uma sociedade em sua maioria de operários, quando não, eram comerciantes. A rotina cotidiana girava em torno dos horários das grandes fábricas, posto que raro era ter um

⁶ Núcleo de Cultura Afro-Brasileira, sua coordenação se localiza na biblioteca da UNISO.

relógio de pulso naquela época e quem ditava as atividades eram os apitos.

Sorocaba que recebera o cognome de Manchester Paulista era regida pelos apitos de suas inúmeras fábricas que ficavam nos arredores do centro da cidade daquele tempo. Era a Santa Maria, na rua de mesmo nome, no Além-Ponte; a Estamparia, no início na avenida São Paulo; a Santo Antônio, na rua Comendador Oeterer; a Fonseca, na rua Francisco Scarpa e as oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana. Cada uma tinha o seu apito característico que não só servia para chamar os seus operários, como também regulava a vida dos sorocabanos (MANTOVANI, 1992, p. 45).

Como conta d. Neide, o primeiro apito tocava às quatro horas da manhã, repetindo-se de quinze em quinze minutos, momento em que sua mãe se levantava para comprar o leite da carrocinha que passava na rua. No apito das seis e meia se fazia a hora de acordar os filhos para a escola, acender o fogão à lenha e começar a passar o café. No apito das sete as crianças entravam na escola. Às dez horas o som anunciava a hora de começar a fazer o almoço.

Começava bem grave e num crescendo atingia um agudo que durava alguns minutos, para depois ir decrescendo até atingir o grave novamente. Conforme a direção do vento, era possível escutá-lo até o seu gravíssimo final (MANTOVANI, 1992, p. 46)

Às onze os operários saíam para o almoço, retornando logo às treze horas com um novo apito. Nesse período vespertino é que ocorriam, todas as quintas-feiras as tão esperadas *matinéés*, com os capítulos sequenciais de Buck Rogers e os filmes de *cowboy*, narrados pelo sr.

Samuel - que os assistia mesmo contra a vontade dos presbíteros - ou as comédias de Cantinflas e Mazaropi, lembrados por d. Anita. As seções se iniciavam às quatorze horas, tendo continuidade até as dezesseis e trinta. Nesse horário as mulheres retornavam ao fogão para preparar o jantar, que era servido às dezessete com a saída final dos operários de período integral. Não raro os operários retornavam à fábrica depois do jantar a fim de fazer o que se chamava de “horas extraordinárias”, na tentativa de conseguir mais dinheiro.

Era nesse entremeio de horas, após o jantar, que os jovens caminhavam na Cel. Fernando Prestes, praça principal da cidade na época, num ritmo circular com seus amigos a fim de paquerar as moças que caminhavam no sentido contrário a eles, com o mesmo objetivo. Dessa forma se iniciou o romance de d. Lourdinha e seu Samuel, que por dias trocaram olhares até passarem a conversar. Era também nesse período e nessa mesma praça que ocorriam as grandes atrações artísticas da cidade, como o número de Zuluaga, assistido e maravilhado por d. Anita que quase foi deixada em casa por sua baixa idade para o espetáculo deveras demorado. Ela conta terem, sua irmã e sua prima, fingido dormir, para algumas horas depois sair às escondidas sem acordá-la. O plano não foi bem-sucedido, pois a pequena Anita não adormeceu e não lhes deixou escolha a não ser levá-la também.

Às vinte e duas horas tocava o apito para a entrada dos operários noturnos. Era também o sinal de que todos deveriam entrar e se preparar para dormir. As

brincadeiras na rua cessavam, os namorados se despediam e a cidade começava a se aquietar.

Lembro-me de que na minha infância, geralmente a esta hora nós crianças já estávamos na cama e eu e meu irmão fazíamos aposta para ver quem ouvia o apito por mais tempo, até o último gravíssimo. Muitas vezes eu mentia que ainda estava ouvindo só para ganhar a aposta e provavelmente, ele fazia o mesmo (MANTOVANI, 1992, p. 47).

Assim se fazia a rotina dos que moravam nos centros urbanos da cidade, diferente dos moradores da região afastada, composta em sua maioria por sítios. Sr. Marcos relata que a rotina se resumia em cuidar da lavoura, no caso deles de cebola, e dos animais, para gerar o sustento da própria família e, se fosse propício, vender no centro da cidade. A distância e a falta de transporte, no entanto, não facilitavam a transição, por isso os moradores dessa região dizem não terem sido moradores de Sorocaba, assim como d. Anita também diz: “Eu sempre morei em Sorocaba, porque eu nasci aqui, já meus irmãos nasceram no sítio, que eles chamavam de Rancharia, perto de Aparecidinha”.

Outro personagem na vida dos entrevistados foi o bonde sorocabano. Embora houvesse o tipo fechado e o aberto, o preferido da maioria era o aberto que tornava a viagem mais emocionante, tanto pelas brincadeiras do sr. Marcos e seus amigos, como pela expectativa de d. Anita com relação ao salto, ou ainda pelo medo de d. Neide nos momentos de travessia da ponte da estrada de ferro.



Figura 4 - Bonde de Sorocaba. Acervo pessoal: Marcos Maldonado Rodrigues.

Era comum após o jantar que os vizinhos adultos se sentassem à frente de suas casas, enquanto supervisionavam as brincadeiras das crianças na rua, ao mesmo tempo em que colocavam em dia os últimos acontecimentos. Os momentos de leitura de histórias entre amigos, como conta sr. Marcos, ou só, no caso do sr. Samuel, também ocorriam nesses momentos. Embora o hábito da leitura não fosse homogêneo entre as famílias, grande parte dos entrevistados foram incentivados a viajar nos vastos mundos dos livros, como relembram sr. Samuel e d. Ana Maria, que entre Condessa de Ségur e Alexandre Dumas, perpassaram também Monteiro Lobato e Sherlock Holmes. A leitura variada, mas sempre

interessada, foi também influenciadora de suas personalidades críticas e eruditas.

“Engraçadamente” como diria d. Ana Maria, as ruas e os bairros cujos nomes são referência à figuras tão importantes, de um ponto de vista histórico tradicional - Cel. Nogueira Padilha, Brigadeiro Tobias, Capitão José Dias - hoje, nesse trabalho, se fazem cenário da vida de pessoas que, para mim, são muito mais caras e significativas do que os nomes de desconhecidos de quem, muitas vezes, nem na escola ouvi falar. As ruas e os bairros passam assim a carregar consigo histórias e olhares mais próximos da realidade. Afinal, é pelo olhar dessas pessoas que a memória se perpetua. Sem sua narrativa poderia não ser possível a compreensão das rugosidades⁷ que hoje perpassam os edifícios antigos da cidade, as tradições e, por fim, a história.

“Depois do jantar, era hora das brincadeiras”⁸

Quando perguntados sobre a infância, um dos primeiros reflexos dos entrevistados era falar sobre brincadeiras. Uns não lembravam muitas coisas, outros poderiam passar horas e horas contando todos os detalhes. Porém, independente disso, todos trouxeram em suas falas as brincadeiras como atividades sempre presentes em seu cotidiano, por mais que não a praticassem, como no caso do sr. Samuel, tiveram contato com elas. Dentre as brincadeiras mais citadas se encontram: *Boca de Forno*, *Amarelinha*, *Casinha* e *Esconde-*

⁷ Conceito segundo SANTOS, 2006.

⁸ Fala de d. Neide em sua entrevista, apêndice A, página 87.

esconde. Embora não muito citadas, houve também referência às cantigas de roda. Das quais, muito prontamente d. Neide me disponibilizou as canções e as instruções na íntegra (no apêndice I desse trabalho). Dentre os brinquedos, os mais citados foram: boneca, bicicleta, bolinha de gude, bola e carrinho de rolimã. Grande parte dos brinquedos eram improvisados pelas crianças que abusavam da criatividade, como foi o caso do cavalinho de pau descrito por d. Neide, cuja crina era feita de palha de milho.

Analisando as descrições de certas brincadeiras, é possível identificar nelas o papel de instrumento para a socialização das crianças, uma vez que em sua prática reproduziam modelos, condições ideais a serem seguidas e aceitadas. Como é o caso da brincadeira descrita por d. Lourdinha:

“Tinha aquela que fazia: ‘Eu sou pobre, pobre, pobre’ então fazia duas filhas, uma era a pobre e a outra era rica. Então uma filha falava: ‘Eu sou pobre, pobre, pobre, de marré, marré...’ aí a rica pedia: ‘Quero uma de suas filhas, vou-me embora, vou-me embora’, daí a filha pobre perguntava: ‘Qual delas a senhora quer’. A mãe dava a filha (risos), passava a filha pra lá. Daí a mãe perguntava: ‘Que serviço você dá pra ela?’, daí a rica dava, por exemplo, o ofício de costureira, a mãe respondia: ‘Esse ofício não me agradou...’ Essas brincadeiras muito gostosas.

Referências à crenças e classe eram as mais comuns. Tais ideologias parecem se perpetuar de maneira natural e inocente, pois, por serem brincadeiras infantis não eram analisadas criticamente e cumpriam com seu papel de conservação. Atualmente as brincadeiras ainda

conservam esta função, contudo, tal fato é reconhecido por muitos profissionais e embasado por pesquisadores⁹ que desconstróem seus sentidos.

Outra questão presente nas narrativas é a utilização dos brinquedos como demonstrativos de classe social, posto que as famílias com maior condição financeira podiam ter acesso às lojas de brinquedos caros como: trenzinhos, bonecas de porcelana, bicicletas, etc. No entanto, as famílias mais simples priorizavam o gasto com alimentação e, se possível, estudo, deixando de lado o consumo de brinquedos, fato que incentivava às próprias crianças a confeccionarem os seus. Como foi o caso de d. Lourdinha com seus cinco saquinhos, do sr. Marcos com seu patinete e do sr. Samuel com seu aviãozinho. A discrepância de realidades pode ser encontrada na comparação de falas como as seguintes:

1)“Por aqui nessa rua os que estavam em melhor situação econômica éramos nós que éramos donos da casa. [...] O resto da rua que era um pessoal mais pobre, no natal ganhava lá um caminhãozinho, um cavalinho de pau, qualquer coisa [...] Bonecas eu tive, tive até de porcelana, mas não ficava exibindo [...] Meu irmão tinha bicicleta, trenzinho, então minha casa era onde os outros iam ver os brinquedos mais sofisticados, sem pagar ingresso”.

2)“Na minha época não existiam brinquedos como existem hoje. A maioria dos brinquedos a gente mesmo fazia, usando criatividade, como carrinhos feitos de madeira, espadas, bolas de meia, carrinhos de rolimã e outros”.

3)“Então, filha, a minha infância foi assim... gloriosa. Imagina, eu tinha brinquedos! Brinquedos comprados na loja! Coisa que era muito difícil para o filho do pobre, e quando eu digo pobre é o trabalhador. Era difícil sobrar dinheiro para comprar

⁹ KISHIMOTO (1998) e (1993)

brinquedo para criança, e eu tinha todos os brinquedos que eu sonhei. [...] eu me lembro que durante uma época eu tive uma maquininha de costura que costurava de verdade! Me foi trazida do exterior por uma cliente da minha mãe”.

Outro ponto muito presente e explícito nas falas é a separação de brinquedos e brincadeiras por gênero, divisão essa que padroniza as escolhas e comportamento das crianças, muitas vezes até alimentando a exclusão:

1)“E os meninos brincavam de rodar pião, esse os pormenores eu não sei, porque eu não era menino (risos) nunca me acertei muito de soltar pião, precisava ter técnica!”.

2)“Bicicleta eu não tive, tinha vontade, mas não cheguei a ter. Bicicleta para menina era diferente [...] Porque ela não tinha o cano reto, era curvado para baixo [...] E por causa do vestido, menina não podia usar bicicleta de menino”.

3)“No quintal da casa que a gente morava, meu pai fez um porão e montou uma mesa de pingue-pongue para os meninos, aí vinham todos os amigos, os primos brincar também. Às vezes eu ia escondida lá para ficar batendo na bolinha. Ia escondida porque só os meninos podiam, não era brincadeira de menina”.

Das brincadeiras, as caracterizadas para o gênero feminino foram: as cantigas de roda, *casinha*, boneca e *amarelinha*. Já para o gênero masculino foram: jogar bola, rodar pião, bolinha de gude, pipa, *bets* e qualquer outra que não fosse as descritas acima como brincadeiras de menina, com exceção da *casinha* cuja demanda às vezes permitia um menino ou outro para fazer o papel de médico, pai, filhinho¹⁰, etc.

¹⁰ Referência a compreensão do “faz de conta” de Kishimoto (2001).

A separação de gêneros para as horas lúdicas das crianças ocorre hoje ainda mais escrachadamente do que no início do século XX, assim como demonstra Fernanda Roveri (2012) que declara “como meninos e meninas são educados por seus brinquedos e como a publicidade investe em carregá-los de feminilidade ou masculinidade¹¹” (2012, p. 15).



Figura 5 - Brincadeira dos meninos vizinhos e parentes de d. Anita.
Acervo pessoal: Ana Maldonado Girão

“Naquele tempo não tinha discriminação de que criança não podia trabalhar”¹²

Para além das canções e brincadeiras em si, a prática do brincar não foi, e infelizmente ainda não é,

¹¹ As relações de gênero não são apenas binárias, ou seja, feminino e masculino, contudo não é esse o caso expresso pelos entrevistados.

¹² D. Ana, apêndice D, página 113.

oportunidade de todos. Muitas crianças, principalmente até a década de 1930, não puderam usufruir desses momentos pela necessidade de ajudar no sustento da casa, como foi o caso do pai de d. Ana Maria:

*“Meu pai foi uma daquelas crianças negras que teve a infância... Não sei se foi infância, porque muito cedo ele foi colocado no mercado de trabalho [...] Isso significou falta de escolaridade por ser negro e pobre, ele foi mandado embora da escola, esta é a grande verdade...”*¹³

Caso semelhante aconteceu com sr. Samuel que, não só pela paixão à leitura e rigidez dos pais, se viu na necessidade de trabalhar na livraria com sua mãe, após a morte de seu pai. Em ambos os casos a vivência do brincar na infância não ocorreu e tal fato é contextualizado por necessidades que estão além das vontades dos sujeitos.

Houve também os que muito brincaram, como o sr. Marcos e d. Anita, mas também trabalharam: *“E meus irmãos ajudavam na fábrica de doces, eu era a mais nova, então o que eu ajudava a fazer - e naquele tempo não tinha discriminação de que criança não podia trabalhar - eu ajudava a untar as forminhas, eu, minha irmã e as minhas primas”*. A concomitância do trabalho com as brincadeiras é fator analisado por Florestan Fernandes (1979) em pesquisa sobre as trocinhas do Bom Retiro, em que ele identifica que, mesmo em meio as atividades de trabalho, as crianças encontravam formas de transgredir esses momentos criando formas de brincar, por mais simples que fossem, como tirar sarro dos colegas, por exemplo.

¹³ D. Ana Maria, apêndice G, página 139.

Curioso é o fato de que, ao serem questionados sobre quando começaram a trabalhar, todos os entrevistados responderam de acordo com a concepção de que trabalho é o serviço remunerado, não interpretando assim os serviços domésticos, na livraria, no armazém ou na fábrica de doces, como trabalho, mas sim como ajuda à família. No entanto, embora não interpretem a ajuda como trabalho, tais experiências relatadas nas entrevistas parecem ter sua carga de responsabilidade, infligindo às crianças preocupações, das quais os próprios entrevistados defendem que crianças não deveriam ter.

“Se queixe de dor de barriga pra gente ir embora”

A fim de compreender as narrativas dos entrevistados sobre suas vivências escolares, foi necessário esclarecer primeiramente a constituição do sistema escolar da época. Dito isso, a organização do ensino se fazia da seguinte forma: até os seis anos de idade as crianças poderiam frequentar o que hoje se chama de creche, mas na época se conhecia como escolinha ou parque infantil, que na maioria das vezes eram instituições particulares (D. Anita frequentou um parque infantil da rua Cel. Nogueira Padilha, onde hoje é um terminal, do qual guarda grandes lembranças e preciosas fotografias).

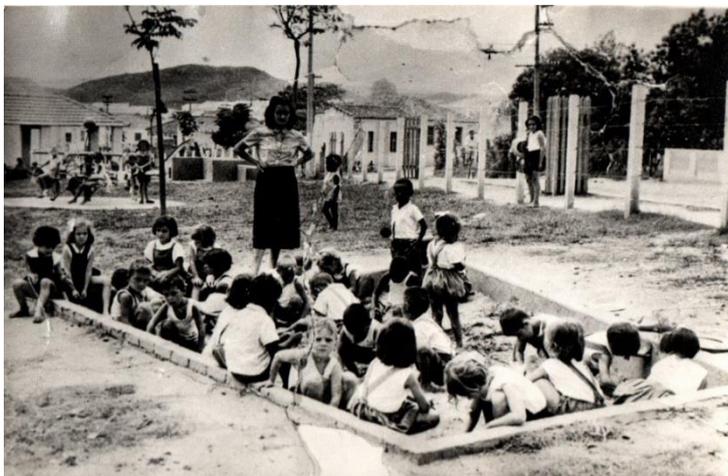


Figura 6 – Tanque de areia do primeiro Parque infantil de Sorocaba, turma de d. Anita, que é a segunda da esquerda para a direita, sentada no tanque. Acervo pessoal: Ana Maldonado Girão

Com sete anos as crianças ingressavam no Grupo Escolar, ou primário, permanecendo até os dez anos. Segundo relato de d. Neide, nem todas as crianças podiam dar continuidade aos estudos após os dez anos, pois nessa idade já se conseguia trabalhar como ajudante de armazéns, por exemplo, e as dificuldades financeiras da família se faziam mais urgentes.

D. Anita e d. Lourdinha relatam que, por seus irmãos já estudarem e pela ansiedade ser tamanha, iniciaram o Grupo com um ano de antecedência:

“Entreí na escolinha, primeiro como ouvinte. A mercearia do meu pai era na esquina da rua Santa Cruz do lado do asilo São Vicente, nesse asilo tinha uma escolinha e meu irmão frequentava, os outros já iam em outras escolas. Era escola para seis anos. O meu irmão tinha seis e eu tinha cinco, era bem nova mesmo e não podia me matricular. Mas como a

diretora queria bem a mamãe me colocou na escolinha. Às vezes ela me dava alguma coisa pra escrever, pra pintar, mas ela não tinha responsabilidade comigo como tinha com meu irmão. Meu irmão era muito safado e falava pra mim: “Se queixe de dor de barriga pra gente ir embora”. E eu obedecia meu irmão (risos).

Para as crianças cujos pais tinham condições, a continuidade dos estudos se dava para o ginásio, fosse particular ou público, separadas por gênero. Em algumas escolas, como o Estadão, por exemplo, a admissão era realizada mediante aplicação de prova oral e escrita. Para tanto eram oferecidos cursos preparatórios. No caso das crianças que não fossem admitidas nas avaliações, a opção era a Escola Profissional ou a interrupção dos estudos.

A Escola Profissional funcionava em período integral, de modo a ensinar as disciplinas do ginásio de manhã e as disciplinas profissionais à tarde. D. Lourdinha passou por essa experiência e descreve as disciplinas: *“De tarde aprendia costura, bordado, puericultura, fazer mamadeira de criança [...] os meninos de tarde já iam para a Sorocabana aprender ofício lá”*. Segundo d. Ana Maria, embora a Escola Profissional não fornecesse certificado, era preferida pelas famílias mais pobres, pelo acréscimo da formação para o trabalho.

“Minha vida no Estadão foi muito boa, conheci gente de todo tipo e tamanho de bolsa financeira, foi muito interessante! Já a minha mãe, foi criada em São Paulo, num colégio que era para meninas ricas, mas que tinha uma escola profissional para meninas pobres, só que a educação formal era a mesma, então

*minha mãe, não tendo o diploma, sendo operária, porque naquele tempo bordadeira era operária...*¹⁴

Finalizado o ginásio, a etapa seguinte poderia ser realizada pelo Normal ou pelo colegial que, segundo a descrição de d. Lourdinha, se diferenciavam, pois: “O colegial era o clássico que preparava assim para a medicina e o outro era pra ser professora mesmo”. Ela segue dizendo que, como não queria ser operária, decidiu ser professora, mas, para não frequentar o curso Normal, fez o que chamava de “Madureza” e hoje se conhece como supletivo.

A etapa seguinte era, como ainda hoje, a faculdade. É interessante destacar como esse sistema de ensino, mais ainda que atualmente, selecionava seus estudantes de acordo com suas condições financeiras, posto que a medida em que se conclui uma etapa, as seguintes são, explicitamente, excludentes, de forma que os que necessitavam trabalhar com urgência não davam continuidade, enquanto os que necessitavam trabalhar, mas ainda podiam estudar um pouco mais, se viam obrigados a se tornarem operários. Apenas os que tinham um “bolso maior” como diria d. Ana Maria, poderiam ter carreiras que fossem além do trabalho nas fábricas. Sobre isso d. Neide complementa: “quem conseguia se formar professor naquele tempo? Quem já era de um meio social de elite, quer dizer, onde os pais ou eram médicos ou eram doutores, as mães geralmente eram professoras”.

O acesso à faculdade na época então, era pouco cogitado, pois além do custo alto, aqueles que

¹⁴ D. Ana Maria, apêndice G, página 139

conseguiam completar o magistério ou o colegial tinham mais garantias de emprego e não viam necessidade em continuar os estudos.

Quando questionados sobre o cotidiano escolar, os entrevistados convergem para respostas similares que, em resumo, relatam as filas, a obrigação em se cantar o hino nacional todos os dias, a ordem e o respeito aos professores. Em suas falas há sempre a comparação da escola que frequentaram e das escolas atuais. Tal comparação aparece, na maioria das vezes, acompanhada de indignação pela forma como os estudantes se portam nos dias de hoje. Aqui cabe a reflexão a respeito das considerações de Michel Foucault (1999) a respeito da escola como lugar de docilização, de controle e supervisão das crianças, em vias de perpetuação dos paradigmas sociais vigentes.

“Bom, naquele tempo, criança era criança”¹⁵

Em um dos momentos das entrevistas, perguntou-se aos participantes sobre sua relação, quando crianças, com os adultos. A primeira referência comentada em geral se fazia com a escola. A obediência e o respeito que se tinha com os pais deveria ser a mesma com os professores, pois a falta dela poderia gerar punições em ambos os lugares, assim como conta d. Anita: *“Olha, na escola era um respeito que a gente tinha pela professora! Professor naquele tempo era como se fosse pai e mãe. Bastava olhar para a gente que já sabíamos ou que estávamos passando do limite ou que não era para estarmos ali”*.

¹⁵ D. Neide, apêndice A, página 87.

Por falar em obediência, outro ponto relacionado à convivência com os adultos aborda a questão das punições. A respeito disso, d. Neide diz: *“Uns tapinhas assim a gente ganhava de vez em quando, uns puxãozinhos de orelha. Mesmos nesta rua, as pessoas mais simples, nunca vi ninguém espancando crianças”*. Já para d. Ana Maria, o termo certo seria *correção* e não *punição*. Ela relata que seus pais nunca à corrigiram fisicamente, pois usufruíam das abstinências, do diálogo e da reflexão. Ela diz ainda que tal assunto era discutido em sua casa, mediante a observação de como os adultos vizinhos agiam. Ela diz:

“Eu vivi os dois mundos. Naquela época tinha mãe que falava para o filho: “Eu vou te educar com conselhos”, e o filho era terrível, era aquele moleque! E tinha uma outra que deixava um cinto, vermelho ainda, do lado do tanque e quando o filho ia aprontar falava: “Fulano, ele tá ali, em” e ele já parava”.

Demonstra ainda a diferenciação entre correção e agressão física, dizendo: *“Naquele tempo os pais davam correção, claro que tinha os casos de espancamento, como tem hoje, mas a maioria dos pais corrigia só”*.¹⁶

Para além da obediência, um ponto em comum na maioria dos relatos é a separação do que se entendia ideal ou não para as crianças. Na medida em que se consideravam as crianças como seres ingênuos, situações e lugares em que se encontravam adultos poderiam por vezes parecer impróprias aos pequenos, que eram afastados.

“A convivência era assim: adulto tá conversando, criança não é pra tá se imisquindo em conversa de adulto, conforme o

¹⁶ D. Ana Maria, apêndice G, página 139.

*assunto que a gente não podia saber, era assim: “vá lá que aqui não é lugar de criança” [...] não sei se era fofoca, o que era, eu sei que a gente não tomava parte em conversas assim não”.*¹⁷

Acompanhando essa temática, muitas vezes estive presente nas falas a reflexão sobre as divergências do modo com as crianças vivem hoje e de como viviam antigamente. O olhar experiente de pessoas velhas que já foram filhos, pais e avós, traz a estranheza de uma infância que hoje é contextualizada num mundo globalizado em que a intensidade do trabalho dos pais e o grande número de tecnologias nas vidas dos filhos, inibe as características antigas do que era ser criança. A respeito disso, d. Neide diz:

“Eu acho que se perdeu muito, porque hoje em dia você tem tudo pronto e isso não desenvolve criatividade, isso não desenvolve autonomia da criança, que é muito importante, e até a autoestima e confiança, porque fica tudo na dependência de perguntar pro pai, pra mãe ou até para o Google. Naquele tempo tinha a inocência, justo porque se vivia o mundo da fantasia, o mundo da criança, sem preocupação com problemas de adulto...”

Questionada se acha que as crianças eram mais inocentes antigamente, ela responde: *“Eram, justamente porque elas viviam o mundo infantil e, por exemplo: conversa de sexo, conversa de adulto, criança não tem que saber de nada, vai acreditar na cegonha até um determinado tempo”*.

Com relação à qualidade da infância atual comparada a do início do século XX, d. Ana Maria reflete: *“eu não vou dizer que foi melhor, porque foi a época. Hoje as crianças têm tantas outras informações, às vezes não*

¹⁷ D. Neide, apêndice A, página 87.

tão bem aproveitadas, e na época não, nossas mães tinham que usar a inteligência, o imaginário e a reza..."

"Para ver como são essas crendices"

A desconstrução de tabus que ocorre constantemente na sociedade atual contribui para a estranheza dos velhos diante do comportamento de adultos e crianças. Afinal, certos costumes foram-lhes ensinados como verdades absolutas e passíveis de constrangimento a toda a família se não fossem cumpridas. Como o caso narrado por d. Anita:

"Quando meus irmãos e seus amigos ou os amigos de meu pai ficavam conversando na rua na frente de casa, eu "apontava" a cabeça pra fora e já ouvia: 'Vá pra dentro'. Porque criança e menina não podiam ficar junto. Meus pais eram muito rígidos. Eu lembro que abuelita falava: 'Las mujeres tienen que sentarse con las piernas juntas, el vestido bien abajo y las piernas siempre para atrás, nunca cruzadas'¹⁸, não podia cruzar as pernas porque era feio. Calça mesmo eu fui usar só na lua de mel. As pessoas já usavam antes, mas se achava feio".

Concomitante ao ensino das regras de comportamento, havia também a perpetuação de crenças, como segue contando d. Anita, sobre as idas e vindas de seu pai que buscava leite no sítio para vender no armazém e a deixava beber direto do tambor:

¹⁸ "As mulheres devem se sentar com as pernas juntas, o vestido bem abaixo e as pernas sempre para trás, nunca cruzadas".



Figura 7 - Carregamento de leite. Pai de d. Anita e de Sr. Marcos ao meio. Acervo pessoal: Ana Maldonado Girão

“Uma vez meus irmãos trouxeram o leite e abuelita disse: “Não deixa a Nitinha tomar leite, porque ela comeu manga agora!” e meu irmão respondeu: “Mas ela já tomou leite!”. Foi aquele desespero! Pensaram que eu ia morrer e ficaram o dia todo de olho em mim, mas eu, que não sabia de nada, continuei brincando, até mais feliz porque estavam me dando mais atenção do que normalmente (risos). Para ver como são essas crendices. Depois descobriram que era mentira, porque inventaram isso para os escravos”.

D. Anita continua explicando que a crença se iniciou no período da escravidão, em que senhores de sítios, com inúmeros pés de manga e vendedores de leite, assustavam os escravizados africanos contando-lhes tal mito, para que não bebessem o leite produzido. Outra consequência da falta de informação, citada por d. Anita, e pelo sr. Marcos, são os vários ocorridos em que ele e seus irmãos,

portadores de hemofilia¹⁹, ao recorrerem aos médicos por motivo de hemorragias, recebiam a recomendação de colocar panos quentes sobre os hematomas, gesto que ao invés de trazer alívio, dilatava os vasos por conta do calor, redobrando a dor e a intensidade da hemorragia. Por consequência da falta de recursos e conhecimento no século XX, dois de seus irmãos faleceram, enquanto o filho mais velho e o próprio sr. Marcos permaneceram com sequelas o restante da vida.

No que diz respeito às tradições, são elas também o que aquecem o coração de d. Neide ao lembrar de seu avô tropeiro que lhe contava todos os costumes de seu cotidiano. Descrevendo como o cozinheiro da tropa fazia o tradicional feijão tropeiro, o que era a paçoca de carne seca e para que serviam os aparatos do comerciante e domador de mulas:

“Meu avô sempre contava alguns costumes, por exemplo: como ele se alimentava. A maior parte era o que se chamava de carne de sol, ou seja, a carne seca que, dependendo do tamanho da viagem, era já preparada em forma de paçoca. Comia rapadura... e feijão. O feijão, pelo que ele me contava, tinham as bruacas, que eram aqueles cestos colocados nas ancas das mulas, uma de cada lado, e transportava”.

Para d. Neide, o tão famoso tropeiro de Sorocaba era simplesmente seu avô, que tinha muitas histórias para contar e muitas lembranças a reviver. Hoje d. Neide

¹⁹ Deficiência genética, caracterizada pela falta de fatores no sangue responsáveis por sua coagulação. Mais detalhes sobre a hemofilia e como era a vivência de quem a tinha, podem ser encontrados no livro escrito por Antonio, irmão mais velho do sr. Marcos, hoje falecido, “O Hemofílico que venceu: na arte da vida e na vida da arte” (2008).

diz se arrepende de não ter prestado a devida atenção às histórias que ele lhe contava: *“Como eu era criança, não havia ainda essa cultura atual de ver a parte histórica da cidade, então eu não me interessava”*.

Ainda com relação aos ensinamentos tradicionais, passados de geração em geração, d. Anita bem se lembra também dos deliciosos doces confeccionados por sua família na “Fábrica de Doces do Dia” - torrão, doce de ninho, queijadinha - bem como os que sua mãe lhe ensinava as receitas - rosquinha de pinga e mantecal - com aparência e gosto descritos em detalhes por ela: a expressão da saudade de produtos e experiências que não existem mais.

“De me saber diferente e saber que eu tinha possibilidades”²⁰

Em contraposição à prática de conservação de tradições ou tabus, os pais de d. Ana Maria, segundo seu relato, priorizaram desenvolver seu olhar para identificar, respeitar e refletir a respeito das diferenças. Percebendo-se negra numa sociedade em que “escreveu-se que a supremacia é branca”²¹ d. Ana Maria diz ter tido sorte em não ter sofrido as mesmas dificuldades de muitas das famílias pobres e negras que ela e seu pai visitavam em sua infância. No entanto, diz também ter conhecido a diferença e as injustiças sociais por meio da amizade, pois, ao se encontrar no seu círculo de amigos infantis como a única pessoa negra, se questionava sobre as razões de tal fato.

²⁰ D. Ana Maria, apêndice G, página 139.

²¹ Palavras de d. Ana Maria registradas no vídeo de seu depoimento.

Anos mais tarde, nas disciplinas de Psicologia na faculdade de Pedagogia, d. Ana Maria compreendeu que a forma como seus pais lhe educaram foi o que direcionou seu perfil e inclinação à militância e à parceria com os jovens negros. Ela relata terem seus pais a educado para não excluir ou diferenciar ninguém, nem mesmo aqueles que cometessem transgressões, se fossem seus amigos, demonstrando que a amizade deveria superar as adversidades. A iniciativa de seus pais objetivava prepará-la também para o enfrentamento do racismo que poderia vir a sofrer ao longo de sua vida. No entanto, tal preparação não impedia seu receio acerca do sofrimento que poderia afligi-la como no caso do desfile de Nossa Senhora da Ponte:



Figura 8 – D. Ana Maria no desfile de Nossa Senhora da Ponte, 15 de agosto de 1958. Acervo pessoal: Ana Maria de Souza Mendes.

“Eu contava mais ou menos onze ou doze anos, quando houve a primeira grande festa da Padroeira, Nossa Senhora da Ponte. Eu fazia parte da Cruzada Eucarística e as meninas foram convidadas a participar da procissão do dia 15 de agosto vestidas de anjo. Soma de ingenuidade com conhecimento de diversidade e valentia, eu também me vesti de anjo, com asa de pena natural e tudo! Você imagine a situação; um anjo de mais de um metro e meio, preto!...”

D. Ana Maria diz hoje perceber que sua iniciativa de ser anjo já era em si um ato de transgressão para com a sociedade, mas de afirmação e enfrentamento para ela, que vestiu suas asas preparada para os questionamentos que haveriam. Ao fim da entrevista ela diz ainda que “o humano contém em si o bem e o mal” e que “a hierarquização vai acontecer sempre”, mas cabe a todos que acreditam na superação da exclusão e dos preconceitos, se responsabilizar pela luta. E a luta se inicia com o reconhecimento da diferença, mas também das possibilidades.

Aqui se encontra o momento de refletir sobre o conservadorismo que se perpetua há séculos, se encontrando ainda hoje no cotidiano de tantos brasileiros. Cotidiano esse que naturaliza a discriminação, de forma a isentar atitudes e palavras por serem “de costume” ou não serem “por mal”. Em uma das entrevistas, quando descreve sua família, sr. Samuel conta ter sido “Mulata” o apelido de sua mãe e diz: “*E pensavam que ela era negra, mas não era*”. Diante de tal fala eu pergunto qual a razão para o apelido. Ele explica que sua mãe cresceu em Tietê, numa comunidade ribeirinha em que apenas sua família era branca e por isso os vizinhos a apelidaram assim. Ao final de sua explicação ele diz: “*Eu nunca tive vergonha desse nome*”. A análise de tal comentário faz pensar por quais razões, tal apelido poderia incitar vergonha. Não seria correto, nem mesmo sensato, aqui culpabilizar essa fala individualmente, mas analisá-la em seu contexto. Pois ao proferir tais palavras, o entrevistado expressa apenas o olhar da sociedade em que cresceu. Diante do olhar dessa

organização cabe a pergunta: qual o lugar das pessoas negras nessa sociedade? D. Ana Maria diz ter vivido sua infância sem amigos negros em seu círculo de amizade e complementa: “eu era a única negra... Era *aceita* pelos grupos”. Destaca-se aqui a palavra *aceita*, pois ela é mais uma facilitadora da compreensão das relações sociais da época. A entrevistada testemunha uma vida atípica a realidade de grande parte das crianças, negras ou não, em Sorocaba, como ela mesma diz: “*Eu tinha amigos crianças que não tiveram a mesma sorte que a gente*”. Ao realizar tal fala, d. Ana Maria não se refere somente a população negra, mas às famílias que precisam de “arroz e feijão o quanto baste”, enquanto a sociedade sorocabana imita o perfil da capital, São Paulo, que por sua vez se inspira nos modelos europeus da *Belle Époque*.

Nesse movimento de exibição de superioridade e de bens, são marginalizados aqueles que pouco tem. Os que pouco tem: dinheiro, masculinidade ou juventude para além da infantilidade, mas que não beira ainda a senilidade. Assim, com o intermitente passar do tempo, se delimita dentre o grupo de marginais: pobres, negros, mulheres, crianças e velhos, dentre outras tristes especificações, como: os dependentes químicos, os infratores e as pessoas com deficiência.

A perpetuação dessas diferenças se dá mediante a aceitação, a conformidade com o que está posto, uma realidade de branqueamento “em que a criança negra vive uma subjetivação que vê e absorve sua identidade de forma negativa e subalternizada” (SOUZA, 2016, p. 160). Atitudes que são contrárias ao que d. Ana Maria foi incentivada por seus pais, como ela mesma diz, a pensar:

“Quando hoje, século XXI, todo mundo para pra apontar e descobrir a diferença, todo mundo não... mas é bem maior o número de pessoas que não sabe lidar com a diferença. Mas nós aprendemos desde pequenininhas”. Fica a reflexão: para além das tecnologias, em que mudamos?

RELEITURAS

A recriação do passado feita por pessoas simples, testemunhas vivas da história, é diferente da versão oficial que se lê nos livros. Os velhos contam a história vivida e sofrida por eles
(Ecléa Bosi, 2003)

Recupera-se aqui os objetivos estabelecidos no início, de compreender como foi a infância dos entrevistados, de que modo elas foram influenciadas por seus antepassados, e se influenciam na infância das crianças de hoje em dia, buscando evidenciar também as narrativas de protagonistas da história da cidade, que não são lembrados. A escolha por esse movimento não significa definir a história como um ciclo de repetição, mas olhar o passado, assim como o *sankofa*, e a partir dele compreender o presente, rompendo assim com o anacronismo. Dito isso, destaca-se que nas narrativas dos entrevistados se identifica um movimento de perpetuação de paradigmas sociais, mesmo que em suas atividades cotidianas, como as brincadeiras e os estudos nas escolas. A constante divisão entre espaços adequados ou não para crianças, as brincadeiras corretas para meninos e meninas, a exigência da disciplina em casa e na escola, a representatividade de classe social na circulação dos brinquedos, a perpetuação da divisão de classes encontrada até mesmo nas cantigas de rodas e, por fim, o trabalho infantil, são aspectos basilares para a construção das infâncias de nossos protagonistas e de

seu perfil nos dias de hoje. Perpassando assim aspectos pontuais de análise como: brinquedos e brincadeiras; relações com os adultos; escola; trabalho infantil; diferença de classes; tradições; contraposição de tempos e; concepções de infância.

A respeito das concepções de infância, resalto: o sentimento de infância, segundo Philippe Ariès (1973) nem sempre fez parte das concepções da sociedade europeia, que majoritariamente foi a sociedade modelo para o Brasil até o século XIX e meados do século XX. Ariès analisa pinturas do período do romantismo e identifica a reprodução da imagem das crianças como mini adultos, afinal não se diferenciam em nada dos adultos, exceto pela baixa estatura. Sobretudo nas pinturas do século XIV o pesquisador identifica traços de uma reprodução diferente das crianças, desta vez com brinquedos e com rostos angelicais, evidenciando a ideia de seres puros e que se distinguem das pessoas de outras faixas etárias. Essa mudança, embora seja registrada na sociedade de outro continente, auxilia na compreensão de que o entendimento sobre o ser criança nem sempre foi o mesmo.

A inocência que se atribui à criança, registrada desde o século XIX (se encontra, por exemplo, na descrição das eleições sorocabanas, feita por Almeida, 1969), conserva-se ainda na primeira metade do século XX, evidenciada pela distinção de espaços para adultos e crianças, relatada nas entrevistas de nossos protagonistas. Segundo suas falas, embora se considerasse a inocência das crianças, suas infâncias não eram isentas de responsabilidades e preocupações, fato

que influencia suas considerações sobre ser ideal a inexistência de problemas nas vidas das crianças pois, sob seu olhar, essa deve ser a etapa das brincadeiras, da criatividade e, claro, da conservação da ingenuidade. É necessário ressaltar que a inocência, em algumas falas, se confunde com alienação, posto que a inacessibilidade a assuntos considerados tabus, como sexo por exemplo, é o que se entende por prática conservadora da ingenuidade. Assim, a explicação biológica resume-se na fantasiosa história da cegonha.

A concepção de senso comum sobre a infância se faz paralela as considerações dos autores já citados: Abramowicz (2011), Fernandes (1979) e Mauss (2010), que a compreendem como meio social da criança, trazendo, portanto, a infância como um fenômeno cultural, que por consequência pode se redefinir como infâncias, no plural, em reflexo a dinamicidade de cada sujeito e realidade em suas singularidades.

A contraposição entre a realidade atual e a passada acerca da infância é constantemente presente nas falas. Para os entrevistados, embora sua infância tenha sido caracterizada por preocupações e responsabilidades pontuais, havia muitas oportunidades para que seus direitos de crianças¹ fossem exercidos, como o brincar e o exercício do imaginário, diferente do que ocorre nos dias de hoje:

“Então é justamente esse alheamento aos problemas do mundo adulto que atualmente as crianças não tem. Então por que tem criança hipertensa, crianças com estresse? Por que?”

¹ Direitos que se pautam no ECA e nas Diretrizes de Bases para a Educação Infantil.

Se a responsabilidade não é dela, mas ela está vivendo, ela vive no mundo adulto, o mundo da imaginação, da criatividade acabou, porque ela tem tudo pronto” (d. Neide).

Nas falas, as modernidades tecnológicas são muitas vezes responsabilizadas pelo isolamento das crianças atualmente, fato que não oportuniza que avós e pais ensinem as brincadeiras de que tanto participaram, ou mesmo relatem simplesmente suas “artes” e confusões, guardadas com tanto esmero em suas memórias, mas que não parecem poder competir com os *tablets* e celulares, ou mesmo com a televisão. Dessa forma, as inovações advindas do século XXI parecem interromper a conservação da infância no modelo em que nossos protagonistas viveram. Ao perceberem isso, os velhos se veem deslocados nessa realidade moderna em que as relações humanas se tornam frívolas e a herança que se constrói para a geração futura é tão diferente da que um dia eles receberam de seus avós. Por isso a emoção em lembrar de seu próprio passado, a voz embargada ao lembrar dos familiares falecidos, e o silêncio... O calar que se faz presente nas narrativas quando as lembranças são muito dolorosas: “As grandes realidades a gente não pode falar, sabe? Não tem como eu contar” (sr. Samuel). A reconstrução do passado propiciada por meio da memória, é um trabalho repleto de emoções diversas: tristeza, alegria, saudade e carinho.

Talvez não seja ideal preferir a infância dos anos passados a de atualmente. Como diz d. Ana Maria: “eu não vou dizer que foi melhor, porque foi a época”, compreende-se aqui que, assim como a sociedade está em constante transformação, as diferentes infâncias

também se caracterizam de acordo com seu contexto temporal e social. No entanto, é certo que se deve defender e lutar pelos direitos das crianças, que não devem ser apagados com a passagem do tempo, mas sim conservados. Considerando tal ponto é que aqui fica a defesa dos direitos da criança em brincar, estudar, compreender as diferenças e crescer integralmente. Para tanto atenta-se hoje para uma infância em que as crianças não esperem que as frutas caiam do pé, mas tenham liberdade de colhê-las.

Nessa dinâmica, esperamos contribuir para um olhar diferente dos professores em sala de aula, para que, ao falarem sobre a história da cidade, lembrem dos aspectos que a caracterizam como uma história próxima de seus moradores, construída por eles, por seus avós e bisavós, que são também os protagonistas.

O Jogo de Geri

Este subtítulo surge diante da necessidade de evidenciar, para além de análises de pesquisa, os aprendizados pessoais que a realização desse trabalho propiciou, experiências únicas de aprendizado, tanto acerca dos métodos de pesquisa e da fundamentação teórica, quanto no que diz respeito às relações humanas e aos vínculos construídos. Segundo Heráclito, não há pessoa cuja capacidade possibilite que se lave duas vezes no mesmo rio, posto que aqueles que um dia o fazem, quando repetem o gesto já não são mais os mesmos, da mesma forma que a água da correnteza também não. Evoco tal frase a fim de expressar minha compreensão

sobre como as pessoas que encontrei e os conhecimentos de que me apropriei ou construí, tornaram-me diferente do que um dia fui. A fim de elucidar tal ponto, descrevo o seguinte acontecimento:

Quando pequena, não fugi à regra de grande parte das crianças que tinham acesso à TV e aos filmes e curtas animados da PIXAR². Entre eles havia o *Gerí's Game*, ou O Jogo de Geri, história que gira em torno de um velho que joga xadrez na praça. Geri joga consigo mesmo, imaginando haver outro jogador exatamente como ele. Em certo ponto finge passar mal para distrair seu oponente, enquanto muda os lados do tabuleiro e vence a partida. Aos meus olhos infantis tal história se resumia a um velhinho engraçado que tentava enganar seu irmão gêmeo e ganhava a partida. Décadas depois, em meio as relações construídas com os entrevistados, tenho a oportunidade de rever esse curta e minha interpretação se mostra mais sensível e profunda do que nunca. Dessa vez, percebo as dificuldades físicas de Geri ao se locomover de uma cadeira para outra e, mais ainda, percebo sua solidão. Tal percepção ocorre acompanhada da tristeza e do questionamento sobre quais as razões influenciadoras para o isolamento do velho em nossa sociedade. A inutilidade de suas mãos para o trabalho em prol do capital? A lentidão física que não acompanha o ritmo de uma sociedade frenética? Ecléa Bosi reflete sobre tais questões e diz: “A sociedade rejeita o velho” (2003, p. 78). Acerca da coisificação das pessoas pela valoração do trabalho, ela reflete ainda: “Como deveria

² PIXAR Animation Studios, empresa de animação digital norte-americana.

ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: ‘Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem’” (2003, p. 81). Esses questionamentos podem gerar desconforto ou até mesmo reprovação, contudo, embora as palavras sejam rígidas, a intenção é evidenciar o caráter de exclusão da velhice, mesmo que gere incômodo aos olhares alheios. É nessa mesma dinâmica que opto pela utilização da palavra *velhos*, em vias de “trazer à roda” a temática muitas vezes ignorada pelos diferentes meios sociais.

Convido aqui o exercício da escuta e do respeito àqueles que tem tanta experiência, conhecimento e histórias a serem ouvidas, respeitadas e, mais, apreciadas. Pois tem muito mais a ganhar aquele que se faz aprendiz da vida, diante de tão sábios protagonistas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aluísio de. **A revolução liberal de 1842**. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1944.
- _____. **História de Sorocaba**. Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1969.
- _____. **Quando eu era criança**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2a ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.
- BADDINI, Cássia. **Sorocaba no império: comércio de animais e desenvolvimento urbano**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social**. Ateliê Editorial: São Paulo, 2003.
- _____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 10ª edição. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.
- BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 7ª reimpressão tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. (orgs). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- FERNANDES, Florestan. **As trocinhas do Bom Retiro**. In:_____. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERREIRA, Marieta de Moraes., Amado, Janaína. (orgs). **Usos e abusos da história oral**. 5ª edição. Fundação

- Getulio Vargas: Rio de Janeiro, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e unir: nascimento da prisão**. 20ª edição. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 1999.
- GASPAR, Antonio. **Minhas memórias: Sorocaba – São Paulo – Santos e vice-versa no período 1896 a 1909**. Sorocaba, SP: Editora Cupolo, 1967.
- _____. **Sorocaba de ontem: crônicas da cidade**. Sorocaba, SP: s/ed., 1954.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais infantis: O jogo, a criança e a educação**. Editora Vozes, 1993.
- _____. (org). **O brincar e suas técnicas**. Cengage Learning Editores, 1998.
- _____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5ª ed. Editora Cortez: São Paulo, 2001.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5ª ed. Editora da Unicamp: Campinas - SP, 2003
- MANTOVANI, Neide Baddini. **Sorocaba Diacrônica**. Fundação Ubaldino do Amaral, Academia Sorocabana de Letras: Sorocaba - SP, 1992.
- MAUSS, Marcel. **Três observações sobre a sociologia da infância**. Pro-Posições: Campinas, SP, Unicamp, vol. 21 n. 3, dez. 2010.
- NETTO, Otto Wey. **Homens que fizeram nossa história**. Sorocaba, São Paulo: Editora TCM comunicação, 2015.
- PRESTES, L. **A vila tropeira de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba: aspectos socioeconômicos e arquitetura das classes dominantes (1750 - 1888)**. São Paulo: Próeditores, 1999.
- RODRIGUES, Antonio Maldonado. **O hemofílico que venceu: na arte da vida e na vida da arte**. Ottoni Editora: Itu - SP, 2008.

ROVERI, Fernanda. **Bárbie na educação de meninas: do rosa ao choque**. Anablume: São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4^a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Wesley. **O Aráçoiaba: vanguarda na imprensa sorocabana do século XIX**. Do autor. Sorocaba- SP, 2010.

SOUZA, Edmacy Quirina de. **Crianças negras em escolas de “alma” branca: um estudo sobre a diferença étnico-racial na educação infantil**. 2016. Tese (doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2016.

TEBET, G. *et al* (orgs). **Memórias da educação infantil: histórias das primeiras creches municipais de São Carlos**. São Carlos: FPMSC. 2015.

CARVALHO, R. **Fisionomia da cidade: Sorocaba - cotidiano e desenvolvimento urbano - 1890-1943**. 2008. Tese (Doutorado em História). Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FILHO, Eduardo Tomasevicius. **Entre a memória coletiva e a história de “cola e tesoura”**: as intrigas e os malogros nos relatos sobre a Fábrica de Ferro de São João de Ipanema. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PINTO JR, Arnaldo. **A invenção da “Manchester Paulista”**: embates culturais em Sorocaba (1903-1914). 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PEREIRA, Marco Antonio. **E do silêncio fez-se a fala:** oralidade e trajetória de vida de mulheres negras na cidade de Sorocaba. 2014, Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba.

SANTOS, Maria Walburga dos. **Educadoras de Parques Infantis em São Paulo:** aspectos de sua formação e prática entre os anos de 1935 e 1955. 2005. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

APÊNDICES

Entrevista oral de Neide Baddini Mantovani



Como é o seu nome e quantos anos a senhora tem?

Meu nome é Neide Baddini Mantovani e tenho oitenta e dois anos.

Onde a senhora nasceu?

Eu nasci em Sorocaba, nesta rua (mesma rua em que mora atualmente) João José da Silva, na casa em frente, que naquele tempo era o número cinquenta, agora é sessenta e dois.

E sempre morou aqui, nunca se mudou?

Para outra cidade não. Aqui eu morei até os quinze anos, depois mudei pra Capitão José Dias (rua ao lado),

quer dizer, sempre por aqui. Depois quando me casei, fui morar ali perto da rodoviária.

E os seus pais? Eles também eram sorocabanos?

Eram sorocabanos e a mamãe morava aqui onde eu nasci, ainda solteira, depois casou e continuou aí, só tinha o meu avô, então ele continuou morando junto com a gente.

A senhora pode me contar um pouco sobre a sua infância?

A infância dos que são da minha idade é muito diferente, lógico. O progresso... a evolução... tudo muda com o tempo. Então as crianças iam à escola, pelo menos todos que moravam nessa rua. Todos frequentavam a escola, geralmente iam fazer só curso primário, algumas exceções, e a gente tinha obrigações: muitos ajudavam os pais nos pequenos serviços domésticos como enxugar uma louça... porque empregada não era também muito comum, a não ser com as pessoas mais abastadas mesmo. De um modo geral em todas as famílias bem constituídas a criançada tinha obrigação de fazer lição e brincar só depois da lição. Ou ia pela manhã à escola ou à tarde, conforme a escola que frequentava e depois do jantar era a hora das brincadeiras. Como era tudo muito tranquilo, nós brincávamos na rua, tanto as meninas, quanto os meninos. E as mães geralmente nessa hora punham suas cadeiras na calçada e, no tempo de calor, ficavam conversando e sempre a criançada sob a vista dos pais, brincando ali numa boa. Inclusive, não havia muita separação entre brinquedos de menino e menina,

a não ser quando ia brincar de casinha, mesmo assim alguns participavam como o pai ou o médico, qualquer coisa, mas as brincadeiras na rua eram mistas, quase todas, com exceção das brincadeiras de roda, eram mais pra meninas. E tinha as brincadeiras dos meninos.

A senhora lembra quais eram as brincadeiras?

Das meninas geralmente era brincar de roda, que era mais quando tinha bastante gente, que às vezes vinham somente nos domingos, vinham parentes, primas, então aumentava a criançada e era mais divertido. Mas brincava-se de *pais* ou *pega-pega*, que é: um esconde o rosto, os outros se escondem, não sei se ainda se brinca mais.

O *esconde-esconde* então era chamado como *pais*?

É, de *pais*. Não sei porque, se era de pai e mãe, não sei o porquê do nome. Então escondia-se atrás de poste, disso, daquilo, na outra rua, qualquer coisa. E tinha também um que até está no livro (livro que Neide escreveu: *Sorocaba Diacrônica*), que se chamava *Boca de Forno*. Esse o pessoal gostava e no livrinho eu descrevo bem como é que era e o que que era o bom da brincadeira, mas vou deixar você curiosa para procurar no livro. E das meninas, além das brincadeiras de roda a gente brincava de *Caretinha*. *Caretinha* porque a gente ficava de rosto virado para a parede e falava “*caretinha 1, 2, 3*” e as pessoas se escondiam. *Passa Treze* era uma das mais divertidas, principalmente quando havia bastante criança. Duas crianças eram escolhidas, em comum acordo, para formar um arco com seus braços

erguidos e por onde todas as crianças, em fila, deveriam passar, e a última ficaria presa no arco e deveria escolher um dos nomes de frutas, animais, objetos, etc., que as crianças do arco lhe perguntavam. Esses nomes tinham sido previamente combinados pelos componentes do arco, sendo que um representava o “céu” e outro o “inferno”. Conforme o nome escolhido a última da fila ficava atrás de uma das crianças do arco. O canto continuava: “Passa, passa treze, a última há de ficar. Vou pedir ao bom barqueiro, licença para passar, eu tenho mulher e filhos que me custa sustentar. Passa, passa treze, a última há de ficar”. Depois que todos escolheram um dos nomes apresentados e colocados atrás da criança representante desse nome, começava a melhor hora da brincadeira. Por exemplo: se os nomes escolhidos eram gato e galinha, era feito uma ala dos gatos em frente a ala das galinhas. A criança do arco que era a galinha dizia: “Quando eu passar vocês fazem ‘dlim, dlim’”. A que era a galinha dizia: “Quando eu passar vocês fazem ‘fuu, fuu’”. Nessa altura as crianças ficavam sabendo quem tinha escolhido o “céu” e quem escolheu o “inferno”. A turma do céu saía correndo atrás dos diabinhos, dizendo: “Corta rabo, corta rabo!” e imitavam o gesto de cortar um rabo imaginário. *Passos*, nessa já se começava a mostrar preferência entre os amigos, mandava dar passos, por exemplo: “Fulano, dê três passos” e dava, e quem chegasse primeiro na parede, ganhava e era ela depois que iria comandar a brincadeira. Havia “passo de gigante”, “passo de pombinha” daí era bem miudinho, então os preferidos eram passos de gigante porque chegava logo, então chegava primeiro quem tinha uma amizade maior entre eles. E os

meninos brincavam de rodar pião, esse os pormenores eu não sei, porque eu não era menina (risos) nunca me acertei muito de soltar pião, precisava ter técnica! Havia uma concorrência de você fazer o pião cair em cima do outro, enquanto estava rodando o outro soltava fieira, que era o fio, e tirava ele de campo. Esse era mais brincadeira de menino. Bolinha de gude, era um buraquinho que era feito, pegava a bolinha e tinha que fazer assim com o dedão (mostra com seus dedos), para bater na outra, tirar a dele fora porque tem que chegar no *buque*, o buraquinho chamava *buque*. Outro, e esse também era misto, que eu adorava era *amarelinha*, essa ainda alguns brincam, mas não é bem igual. Outro das meninas era *bater bola*, era por etapas, você ia batendo a bola na parede, não podia cair no chão, falando: “Ordem, seu lugar, sem rir, sem falar, um dos pés, o outro, uma mão, a outra, bate palmas, piruetas, traz a frente e queda” (D. Neide mostra todos os gestos que se deve fazer em cada etapa).

Tem algum brinquedo que a senhora tinha?

Eu tinha bola... porque aqui nessa rua os que estavam em melhor situação econômica éramos nós que éramos dono da casa. Meu pai era contador, a família Baddini sempre foi uma família relativamente importante na cidade, meu pai ganhava bem, tanto que eu estudei no Santa Escolástica, eu estudava piano, então a gente sempre tinha os melhores brinquedos. O resto da rua que era um pessoal mais pobre, no natal ganhava lá um caminhãozinho, um cavalinho de pau, qualquer coisa. Mas a gente brincava de tudo, como a maioria não tinha,

as brincadeiras eram mais de rua, porque independiam de brinquedo. Bonecas eu tive, tive até de porcelana, mas não ficava exibindo, porque tanto meu pai quanto minha mãe nunca foram de estar humilhando os outros, exibindo superioridade social, o importante era se dar bem com todo mundo. Então eu tinha boneca, tinha bola, tinha bicicleta de duas rodas que naquele tempo era tudo importado. Cai bastante, ralei bastante o joelho. Acho que foi com uns sete anos que eu ganhei, mas eu emprestava para outras crianças, não tinha essa história de egoísmo (risos). Meu irmão tinha bicicleta e trenzinho, então minha casa era onde os outros iam ver os brinquedos mais sofisticados, sem pagar ingresso (risos).

Como era sua relação com os adultos?

Bom, naquele tempo, criança era criança. Os filhos eram mais assim na dependência dos pais e de cumprir ordens sem ficar reclamando disso ou daquilo, era mais uma coisa de submissão mesmo. Uns tapinhas assim a gente ganhava de vez em quando, uns puxãozinho de orelha. Mesmo nesta rua, as pessoas mais simples, nunca vi ninguém espancando crianças. Podia dar lá uns tapas de vez em quando, quando não queriam obedecer ou faziam alguma coisa que não deviam. A convivência era assim: adulto está conversando, criança não é pra estar se imiscuindo em conversa de adulto, conforme o assunto que a gente não podia saber, era assim: “Vá lá que aqui não é lugar de criança” aí tinha que sair pra brincar. Aí a gente brincava mesmo, claro que eu preferia brincar do que estar com adulto na conversa de sei lá o quê. Não sei se era fofoca, o que que era, eu sei

que a gente não tomava parte em conversas assim não. Havia conversa assim no dia-a-dia na casa, mas a convivência com adulto para ficar a par de coisas que afinal de contas era conversa de adulto. Então, geralmente, era... Criança é criança, no seu mundo de suas obrigações, mas suas horas de lazer.

Para a senhora, o que é “ser criança”?

Para mim, “ser criança” é, não sei se porque essa foi a minha infância, a criança tem que viver o mundo da fantasia, o mundo que ela cria, que eu acho que isso é importante para que a criança realmente tenha criatividade, ela não tem modelos para seguir. Então as brincadeiras eram assim mais formais, lógico, mas nas outras brincadeiras você podia criar brinquedos. Os meninos construíam o brinquedo deles, o famoso carrinho de rolimã, que seria o avô do *skate*, era feito pelas crianças. Cavalinho de pau era um cabo de vassoura, quando muito se punha umas palhas de milho amarrada pra fazer de conta que era a crina do cavalo e para gente era a crina do cavalo, porque era o mundo da fantasia. Eu acho que se perdeu muito, porque hoje em dia você tem tudo pronto e isso não desenvolve criatividade, isso não desenvolve a autonomia da criança, que é muito importante, e até a autoestima e confiança, porque fica tudo na dependência de perguntar para o pai, para a mãe, ou até para o *Google*. Naquele tempo tinha a inocência, justo porque se vivia o mundo da fantasia, o mundo da criança, sem preocupação com problemas de adulto, principalmente, não tenho dúvida, havia segurança. Brincava-se na rua e

a brincadeira era até às dez horas, no verão. No inverno já era um pouco mais cedo. Havia a fábrica Santa Maria que era na rua Santa Maria além da ponte. Às dez horas ela apitava que era a entrada da terceira turma, o pessoal que trabalhava à noite, então apitou dez horas acabou a folia, todo mundo para dentro, vai para cama porque no outro dia vai levantar cedo para ir para escola, para quem ia de manhã. Então, na minha opinião, eu acho que tinha essas vantagens.

A senhora comentou da inocência, a senhora acha que antes as crianças eram mais inocentes do que são hoje?

Eram, justamente porque elas viviam o mundo infantil e, por exemplo: conversa de sexo, conversa de adulto, criança não tem que saber de nada, vai acreditar na cegonha até um determinado tempo. Não sei se isso é melhor ou é pior, mas a criança de atualmente não tem infância, porque ela vive o mundo adulto, ela vive o problema dos adultos, porque não pode brincar na rua, daí brinca dentro de casa e está vendo tudo o que é dentro da sua própria casa, fora a internet em que ela acessa tudo o que ela quiser, o que convém e o que não convém pra idade dela, porque os pais, a maior parte nem trabalha meio período, trabalha fora, a criança fica lá entregue ao Deus dará. Não sei se isso é uma consequência do que nós vivemos atualmente: a violência, a falta de respeito em tudo.

Para você, o que significa infância?

Infante se eu não me engano do latim, aquele que não fala. Ingênuo é aquele que está de joelho, que está engatinhando, na palavra latina. Então é justamente esse

alheamento aos problemas do mundo adulto que atualmente as crianças não tem. Então por que tem criança hipertensa, crianças com estresse? Por que? Se a responsabilidade não é dela, mas ela está vivendo, ela vive no mundo adulto, o mundo da imaginação, da criatividade acabou, porque ela tem tudo pronto.

Como era a escola quando a senhora era criança?

Mesmo as escolas públicas eram boas escolas, porque os professores eram muito bons. Todos os professores tinham conhecimento porque, para começar, quem conseguia se formar professor naquele tempo? Quem já era de um meio social de elite, quer dizer, onde os pais ou eram médicos ou eram doutores, as mães geralmente eram professoras. As professoras tinham uma boa formação em termos de conhecimento, para poder passar para os seus alunos. E quem ia fazer magistério também era porque gostava, não era nem por dinheiro, porque nem precisava, naquele tempo mulher trabalhar fora era muito raro, ia mais por vocação mesmo dar aula.

Eram professoras? Não tinha professores?

Nas escolas públicas, acho que professor... havia, havia vários porque o salário era bom. Um professor podia sustentar sua família, um professor primário dando quatro horas de aula por dia. Então havia professores, mas por exemplo eu que estudei no Santa Escolástica, lá era só professoras, geralmente as próprias irmãs e algumas leigas

E a sala era mista?

Não, só menina. Só quando meus filhos estavam no terceiro ano, o mais velho, é que no Santa Escolástica começou a ser mista, antes era meninos e meninas separados, mesmo nas escolas públicas.

Com quantos anos a senhora começou a ir para a escola?

Eu comecei com cinco anos, naquele tempo lá no Santa Escolástica tinha o chamado “Jardim de Infância”, seria o pré-zinho hoje, a gente brincava e também já tinha as primeiras noções de número e de letras, depois era a cartilha que era quando realmente começava a alfabetização, da cartilha você saía lendo, escrevendo, contando, fazendo soma, subtração e multiplicação se tinha uma noção. Como o Santa Escolástica era dirigido pelas irmãs, no primário eram quase todas as professoras freiras, elas já traziam uma pedagogia muito mais adiantada do que a das escolas públicas, isso não tem dúvida. Todo ensino era concreto, havia na cartilha um contador, quase como um ábaco, em branco, com bolas brancas e bolas marrons, então ali, antes de escrever os números você já aprendia com as bolinhas, ou então, as irmãs faziam caixas de fósforo, elas forravam com papel, um papel que devia ser alemão porque era brilhante, diferente, e pediam pra gente arrumar palitinhos. Naquele tempo era fácil, todo mundo fumava, então saíamos para rua catando palito, levava lá e enchia as caixinhas. Então daí você aprendia as operações com os palitinhos. Então era assim, tudo bem concreto.

E como era a relação das crianças com as professoras?

Bom, obediência, tanto na escola pública como nas escolas particulares por exemplo: o professor entrava todo mundo fica em pé, “pode sentar” todo mundo sentava. Você queria conversar ou responder alguma coisa quando a pergunta era geral tinha que levantar a mão, então era tudo assim dentro de uma certa ordem. Hoje em dia o aluno dá tiro na professora! Para entrar tinha que ser em fila, no Santa Escolástica tinha uma escadaria e tinha que subir tudo direitinho, para sair a mesma coisa, tudo assim dentro de ordens que deveriam ser cumpridas, ai se não fossem!

Tinha punições?

Castigos físicos não, mesmo nas escolas públicas o pessoal da minha idade, quando muito você ia ficar atrás da porta aí os levados da breva ficavam fazendo fusquinha para a gente (risos), era um pouco pior. Mas de um modo geral não havia necessidade de punição porque a criança sabia que ela tinha que obedecer, os pais sempre ficavam olhando lição de casa, tinha a cadernetinha para marcar se você fez ou não a lição. Os pais podiam, porque tinham mais tempo, porque hoje em dia pai e mãe trabalham, chegam cansados, não querem saber de estar olhando caderneta de ninguém.

A senhora comentou sobre a fábrica, só adultos trabalhavam lá?

Acho que àquele tempo não tinha criança trabalhando em fábrica, assim com tear acho que não tinha né? (pergunta para o marido que está ao lado) Eu

trabalhei em estamperia com treze anos (responde o marido). Mas não com tear essas coisas perigosas né? (pergunta Neide). Não (responde ele).

E em outros lugares fora das fábricas, tinha crianças que trabalhavam?

Sorocaba nunca foi uma cidade atrasada e, também eu nunca morei em periferia, sempre morei aqui no centro. Geralmente as crianças estudavam até o quarto ano daí já iam trabalhar, ajudavam o vendedor... não havia supermercado, eram vendinhas.

A senhora começou a trabalhar com quantos anos?

Eu me formei com dezessete anos daí eu fiquei como professora substituta no Estadão. Eu estudei no colégio, mas a escola normal fiz no Estadão. Eu sou do mês de abril, então quando eu fui trabalhar, não tinha dezoito e não podia assinar o ponto, eu não podia tomar posse, porque para tomar posse de qualquer cargo público tinha que ter dezoito anos. Quando foi em abril eu fiz aniversário e entrei com os papéis pra sair publicado no diário oficial e pra começar a ganhar em dinheiro só os dias que trabalhava, e pontos, que isso que interessava pra gente porque quando havia concurso você tinha, além das notas, os pontos e somava aos dias em que você tinha trabalhado. Então comecei com dezoito e aposentei com cinquenta e dois.

Como era a sua família?

Eu infelizmente não tive avós, então quando fiquei avó fiquei daquelas avós bem babonas porque eu não tive

esse prazer, ouvia as outras crianças “a minha avó isso”. Vó não muda, sempre paparicando os netos. Eu só tinha o meu avô materno que morava conosco aqui, nessa casa aqui em frente. Meu pai ficou órfão de pai e mãe com oito anos e ele era o filho mais velho. Eu sou a mais velha, depois tinha um irmão dois anos mais novo que eu e uma irmã oito anos mais nova e as primas do lado da minha mãe, principalmente, porque sempre do lado materno tem mais convivência. Minha mãe não trabalhava fora. Serviço doméstico... só cozinhar, porque tinha lavadeira e passadeira que fazia esse serviço. E meu pai era contador, trabalhava para várias firmas.

Depoimento de Neide Baddini Mantovani

O meu avô materno era tropeiro. O pai dele tinha um sítio em Porto Feliz e ali eles faziam o que se chama de *doma*, que quer dizer: domar os cavalos, que na verdade não eram cavalos, eram mulas. Aqui em Sorocaba, como todos devem saber, havia a famosa feira de muares. As mulas xucras vinham do sul, havia os tropeiros que traziam até ali embaixo da ponte principal da rua XV, ali que ficavam as tropas. Os tropeiros que faziam a *doma* iam à feira, compravam a mula e levavam para domar. Depois de domadas elas eram levadas para Minas Gerais, para trabalhar justamente nas minas de ouro geralmente.

Meu avô sempre contava alguns costumes, por exemplo: como ele se alimentava. A maior parte era o que se chamava de carne de sol, ou seja, a carne seca que,

dependendo do tamanho da viagem, era já preparada em forma de paçoca. Comia rapadura... e feijão. O feijão, pelo que ele me contava, tinham as *bruacas*, que eram aqueles cestos colocados nas ancas das mulas, uma de cada lado, e transportava. Havia também, como ele me contava, o cozinheiro da tropa e ele ia à frente, sozinho para ir mais rápido, fazia um fogo que se chamava fogo de chão, tinha aquele tripé onde era colocado o caldeirão que era cozido. Então, quando o resto da tropa chegava, o feijão já estava cozido e temperado e era só misturar com aquela paçoca que era a base, com farinha de milho que era mais comum. Eu sou herdeira, até agora adoro uma paçoca e uma farinha de milho! Havia também milho cozido... a comida dependia sempre da distância da viagem.

Outra coisa, que eu me arrependi tanto de ter dado, o meu avô tinha o que se chamava *pala*, não era *poncho*, era um retângulo bem grande, do meu avô era de casimira inglesa, com franja na ponta... parece que eu estou vendo... era listrada, cor de vinho e bem no meio tinha um corte onde se passava a cabeça. Uma vez eu perguntei: "Vô, porque é tão comprido, maior que o senhor?" e ele falou: "É para cobrir a anca do cavalo também, para proteger o cavalo" então cobria o cavaleiro e cobria a anca do cavalo também.

Outra coisa que ele comentava era que depois que levava as mulas para a *doma*, tinha os empregados que eles chamavam de *camaradas*, ele dizia: "Meu avô tinha tantos *camaradas*", que eram distribuídos para fazer alimentação dos animais e para fazer a *doma*. Essas são as coisas que eu mais me lembro.

As únicas *lembranças* que ficaram eram as botas, ele só usava botina, botina mesmo, de elástico do lado, um calçado forte porque andavam pela chuva, por tudo. O *pala* dele, que ele usava para dormir, não desgrudou até morrer. E, o orgulho deles, as famosas esporas chilenas, era o xodó dele. Essas eram as coisas que ele contava.

Ah, e para dormir eles tiravam a sela, porque eles andavam montados nos cavalos, não nas mulas, embaixo da sela tinha como se fosse um acolchoado que se chamava *pelego* e à noite eles dormiam ali, ao relento mesmo. Em dia de chuva eu não sei como eles fazia, acho que deviam dormir na chuva mesmo.

Essas são as coisas principais que eu lembro de ele contar. Como eu era criança, não havia ainda essa cultura atual de ver a parte histórica da cidade, então eu não me interessava muito.

Entrevista escrita com Marcos Maldonado Rodrigues



Como é o seu nome e quantos anos o senhor tem?

Meu nome é Marcos Maldonado Rodrigues, tenho 77 anos de idade, nasci no dia 25 de abril de 1940, dia de São Marcos, esse é o principal motivo do meu nome.

Onde o senhor nasceu e há quanto tempo mora em Sorocaba?

Nasci em Sorocaba em um sítio próximo da Aparecidinha, moro em Sorocaba desde que nasci, somente morei fora de Sorocaba por um período, aos 17 anos, quando fui morar em São Paulo. Quando me mudei para lá, a princípio fui morar em uma pensão na Vila Carioca, próximo ao bairro Ipiranga. Após ter concluído o curso de torneiro mecânico e ter trabalhado na fábrica de cimento Votoran por um ano, como ajustador mecânico,

resolvi tentar algo novo. Como eu tinha o diploma de torneiro mecânico e de ajustador, não foi difícil conseguir um emprego. Fui trabalhar na Massari, na avenida Presidente Wilson. Minha família continuava morando em Sorocaba, então a cada duas semanas eu me deslocava de São Paulo à Sorocaba para vê-los. As viagens naquela época eram feitas de trens. Muitas vezes, por eu ser hemofílico, tinha problemas de sangramento nas articulações e tinha que faltar no trabalho, ficando na pensão até me recuperar. Como eu já estava adaptado na cidade, minha família resolveu me acompanhar e se mudou em 1961 para a Vila Alpina. Lá eu e meus irmãos logo fizemos amizade com os vizinhos. Dessas amizades conheci a família da Dolores (esposa), família muito católica, de onze irmãos. A partir dessa amizade começou uma certa aproximação entre eu e a Dolores, e depois de algumas conversas começamos a namorar e depois de quatro anos nos casamos, no ano de 1965. Tivemos três filhos: a Márcia, a Rosana e o César. A Márcia tinha várias crises de bronquite e, como morávamos em um lugar um tanto poluído, fomos aconselhados a nos mudar para um lugar melhor. Assim, voltamos, com toda a minha família para Sorocaba, em 1977.

Quem foram seus pais?

Sou filho de Antonio Maldonado Lopes e Rosália Rodrigues Castilho, meus pais vieram da Espanha ainda crianças e foram morar no interior do estado de São Paulo, depois de um certo tempo se mudaram para um sítio em Sorocaba onde se casaram e tiveram seis filhos: quatro homens e duas mulheres. Os quatro filhos

homens nasceram com o problema da hemofilia (falta de uma proteína responsável pela coagulação do sangue), ficando assim sujeitos a sangramentos, na maioria das vezes nas articulações, trazendo dores horribéis. Essa era uma grande preocupação para nossos pais, porque na época não existia tratamento para esse problema. Quando tínhamos algum corte em alguma parte do corpo o sangramento era incontrolável, e nossos pais tinham que nos levar do sítio onde morávamos até a cidade em Sorocaba para passar pelos médicos. Nessa época não existia condução do sítio até a cidade e nossos pais nos traziam de carroça e, às vezes, caminhavam até Brigadeiro Tobias para pegar um trem. Era uma vida muito sacrificada e por esse motivo resolveram deixar o trabalho na lavoura e se mudaram para a cidade, onde montaram um comércio no ramo de armazém.

O senhor pode me contar um pouco sobre a sua infância?

Minha infância começou ainda morando no sítio onde meus pais eram lavradores, nessa época eu era ainda muito pequeno, depois meus pais se mudaram para a cidade no bairro da Vila Hortência onde iniciaram o trabalho no comércio com um armazém. Eu e meus irmãos ajudávamos meus pais, naquela época a maior preocupação era com os estudos mas sempre sobrava um tempo para as brincadeiras. Eu tinha muitos amigos e costumávamos nos reunir à noite em frente ao armazém do meu pai para contar histórias e principalmente falar de futebol, tive uma infância muito boa, como a maioria das crianças na época. O único problema era, como já disse anteriormente, a hemofilia. As

brincadeiras eram muito de contato, o que fazia com que sempre estivéssemos com hematomas nas pernas e nos braços. Eu sempre gostei muito de futebol e costumava brincar com bola junto com meus amigos na rua. Isso sempre me dava algum problema. Gostava de andar de bicicleta até outros bairros. De vez em quando a gente caía e se ralava todo. Além disso tinha o compromisso com a escola, que era a principal preocupação.

Quais fatos foram mais memoráveis?

Alguns fatos que marcaram era quando estudava, e na época, a condução para ir à escola no centro da cidade eram os bondes, tinha um bonde fechado que era parecido com um ônibus e tinha o bonde aberto que não tinha as laterais. Eu e mais crianças costumávamos ir em pé no estribo do bonde, andando de um lado para outro, o cobrador geralmente

chamava nossa atenção. Também me lembro quando morava na avenida Cel.

Nogueira Padilha, onde meu pai tinha o armazém, costumávamos pegar a rabeira de algum caminhão e ir



Figura 9 - Marcos dirigindo camionete. Acervo pessoal: Marcos Maldonado Rodrigues.

dependurados na parte de trás da carroceria. Um dia essa nossa brincadeira teve um mau resultado, o caminhão começou a aumentar a velocidade e tivemos que pular para o chão e acabamos todos ralados. Nessa época, em

1956, para fazer a entrega a domicílio da compra dos fregueses, meu pai resolveu comprar uma caminhonete. Eu tinha dezesseis anos. Era um carro muito antigo, fabricado no ano de hum mil novecentos e vinte e nove. Quem dirigia era meu pai e meus irmãos mais velhos, mas, como sempre fui muito curioso, já quis aprender a dirigir. Na época, quando a gente tinha que ir a algum sítio, meu pai deixava que eu dirigisse mas, como eu ainda era muito pequeno, não alcançava os pedais, então meu pai colocava um caixote no encosto do banco e assim eu conseguia dirigir. A vontade era tanta que aprendi com muita facilidade. Teve uma coisa que me marcou muito nessa época... no armazém a gente vendia um pouco de tudo, inclusive leite e pão. O leite a gente ia buscar com a caminhonete num sítio em Brigadeiro Tobias, era trazido em latões e não era pasteurizado, foi nessas idas e vindas que aprendi a dirigir. O pão a gente pegava em uma padaria um tanto distante do armazém, a maioria das vezes eu ia buscar com a bicicleta. Um certo dia, convenci minha mãe a ir buscar o pão com a caminhonete, pois meu pai não estava em casa. Ia tudo bem até que, quando eu ia sair da padaria, um policial me viu ao volante e perguntou quem estava dirigindo. Eu, todo desenchavido, disse que era meu pai, aí ele propôs esperar até meu pai chegar. Como meu pai não vinha o policial resolveu levar o carro à delegacia. Meu pai foi retirar o carro e pagou uma bela de uma multa por eu ser menor de idade e por não ter habilitação. Isso me deixou muito chateado.

O senhor brincava? Se sim, do que?

Nós costumávamos brincar jogando futebol, bets, cachuleta, bolinhas de gude, unha na mula, esconde esconde, e alguns outros tipos de brincadeira da época. Uma das principais brincadeiras era jogar bolinha de gude e rodar pião. Naquele tempo não havia asfalto, o que facilitava muito essas brincadeiras. A gente costumava também brincar muito com carrinho de rolimã que a gente mesmo fazia. Era só pegar uma descida que lá íamos nós apostando corridas.

O senhor tinha brinquedos? Se sim, quais?

Na minha infância não existiam brinquedos como existem hoje. A maioria dos brinquedos a gente mesmo fazia, usando um pouco da criatividade, como carrinhos feitos de madeira, espadas, bolas de meia, carrinhos de rolemã e outros.

Como os adultos te tratavam?

Os adultos da época eram bastante sérios, mas sempre encontravam momentos para nos dar atenção, gostavam muito de contar casos sobre alguns acontecimentos, também nós crianças tínhamos muito respeito pelos mais velhos, fomos assim educados pelos nossos pais.

Para o senhor, o que é ser criança?

Ser criança para mim é viver na inocência, despreocupados com tantos problemas que virão no futuro. Ser criança é aproveitar momentos junto com os pais e amigos e já começar a ter preocupação com as

responsabilidades na preparação para o futuro, brincar bastante, pois essa oportunidade não volta mais.

O senhor ia para a escola quando era criança? Como era?

Como a maioria das crianças da época eu também ia para a escola, no primeiro ano estudei numa pequena escola na Vila Hortência, era um casarão com muitos cômodos que ficava na rua Rui Barbosa, depois do segundo ano passei a estudar no Grupo Escolar Senador Vergueiro, também na Vila Hortência, por não ser muito distante de onde eu morava eu ia para a escola caminhando, ao mesmo tempo fazia um curso preparatório para a segunda fase e ia de bonde por ser essa escola no centro da cidade. Sempre fui bem avaliado nos meus estudos, era uma época em que os alunos tinham pelos professores muito respeito e admiração e os alunos procuravam manter sempre a disciplina.

Como era sua família?

Minha família era de descendência espanhola, pessoas muito trabalhadoras, sérias e humildes. Nossa família, na minha infância e juventude, era formada por minha avó Trindade, meu pai Antonio, minha mãe Rosália e meus irmãos, três meninos e duas meninas, éramos muito unidos e obedientes aos nossos pais, eu, assim como meus três irmãos homens, nascemos com o problema da hemofilia devido a esse problema tínhamos que ser sempre unidos nos momentos difíceis das hemorragias, nossos pais sempre procuraram nos tratar

da melhor forma possível para a época, éramos uma família muito unida.

Com quantos anos o senhor começou a trabalhar?

Como meu pai tinha um armazém, comecei a trabalhar desde criança na ajuda do balcão. Depois de terminar o primário fui estudar ajustador mecânico no Senai de Votorantim, estudo esse que era em tempo integral e era remunerado, portanto considero esse o meu primeiro emprego no ano de 1955 quando eu tinha 15 anos. Também nessa época meu pai montou uma fábrica de doces, e eu e meu irmão ajudávamos minha mãe no armazém. Os doces eram distribuídos nos bares e armazéns até em cidades vizinhas, nesse tempo já tínhamos um furgão fechado com prateleiras e gavetas para transportar os doces, na maioria das vezes quem fazia a entrega era eu e meu irmão.

Gostaria de contar algo que não foi perguntado?

Gostaria de falar um pouco do momento atual. Sou casado com Dolores Maldonado a 52 anos, temos três filhos e nove netos. Amo muito minha família! Quando deixei de trabalhar na fábrica de elevadores, tentei alguns trabalhos que não estavam dando muito certo. Nessa época meu irmão era letrista de histórias em quadrinhos e, vendo minhas dificuldades com trabalho e lembrando que quando eu estudava mecânica tinha ótimas notas em caligrafia técnica, me aconselhou a praticar letras, assim comecei uma nova profissão: letrista de histórias em quadrinhos. Meu irmão de apresentou a algumas editoras na época, que logo

aprovaram o meu trabalho. Comecei com editoras pequenas e cheguei às principais editoras do Brasil, inclusive a Disney e super-heróis. Hoje sou letrista oficial da revista TEX no Brasil, trabalho esse que faço há quarenta anos.

Entrevista oral de Ana Maldonado Girão



Como é o seu nome e quantos anos a senhora tem?

Meu nome é Ana Maldonado Girão, nasci em 1949 e tenho 68 anos.

Onde a senhora nasceu e há quanto tempo mora em Sorocaba?

Nasci em Sorocaba, na rua Quinzinho de Barros.

Quem foram os seus pais?

Meu pai foi Antônio Maldonado Lopes e minha mãe Rosália Rodrigues Castilho. Eles vieram para o Brasil, meu pai com 11 anos e minha mãe com 4.

A senhora gostaria de contar um pouco sobre a sua infância?

Minha infância foi boa, foi uma infância bonita, bem familiar. Tinha meus parentes que moravam no sítio. Eu sempre morei em Sorocaba (área urbana), porque eu nasci aqui, já meus irmãos nasceram no sítio, que eles chamavam de Rancharia, perto de Aparecidinha. Eu já nasci aqui, mas a gente sempre ia lá pra brincar e sempre estávamos em contato com a família, todos espanhóis, e a gente tinha uma convivência muito boa com tios, com primos, era muito gostoso!

Quais fatos da sua infância foram mais marcantes para a senhora?

As brincadeiras lá no sítio com meus primos ou quando eles vinham pra Sorocaba ficar em casa, alguns moravam em casa, algumas das minhas primas, pra poder estudar corte e costura, essas coisas. Minha mãe sempre foi uma pessoa cuidadosa que dava muita atenção para a família, para os parentes que vinham e até conhecidos. A minha mãe levava no médico pra se tratar, ajudava a cuidar até que melhorasse.

Para se tratar do que?

Qualquer coisa, qualquer enfermidade que tivessem, porque como eles moravam no sítio, pra vir pra Sorocaba não tinha nem carro nem nada. Se eles viessem até Brigadeiro eles tinham que vir de carroça. E de Brigadeiro até a nossa casa eles tinham que pegar o trêm. Isso nessa época. A vida dos meu pais foi trabalhar na lavoura e depois tiveram o comércio, o armazém. Depois de um certo tempo de casados eles foram morar num lugar chamado “25” que

era o nome que davam para o armazém. Depois nós mudamos para a rua Cel. Nogueira Padilha onde eles montaram comércio também e meu pai ia buscar leite no sítio para vender no armazém. Eles traziam leite em tambores enormes, eu lembro muito disso na minha infância, porque eu era pequenininha e eles tinham o armazém já. Então meu pai chegava com aqueles tambores de leite pra vender, lavava todas as garrafas, engarrafava e vendia, era assim. E eu, inclusive, quando meu pai chegava eu já ia com uma canequinha pra ele encher e eu tomava leite puro ali que chegava naquela hora. Era costume já. Uma vez meus irmãos trouxeram o leite e *abuelita* disse: “Não deixa a Nitinha tomar leite, porque ela comeu manga agora!” e meu irmão respondeu: “Mas ela já tomou leite!”. Foi aquele desespero! Pensaram que eu ia morrer e ficaram o dia todo de olho em mim, mas eu, que não sabia de nada, continuei brincando, até mais feliz porque estavam me dando mais atenção do que normalmente (risos). Para ver como são essas crendices. Depois descobriram que era mentira, porque inventaram isso para os escravos.

Escravos?

Sim, dizem que havia alguns senhores que tinham sítio que vendia leite, nesse sítio tinha um grande pomar, com várias mangueiras de que todos comiam. Aí os senhores inventaram essa mentira de que leite com manga matava para os escravos não beberem o leite. Naquela época existia muito tabu, muitas crendices. Para você ver os meus irmãos... eles com a hemofilia quando tinham hemorragia os médicos falavam que tinha que colocar pano quente em cima, onde já se viu? A temperatura alta do pano fazia os

vasos se dilatarem mais e a hemorragia só aumentava! Nossa como meus irmãos sofreram, e meus pais também, por ver a dor deles. Todo dia era um que estava ruim... (se emociona) eu vivia correndo com eles. “Nitinha, você pode arrumar esse travesseiro para mim?”, “Nita, pega um pouco de água, por favor?”. Quando eles moravam no sítio eu não tinha nascido ainda, mas só tinha transporte em Brigadeiro Tobias, aí minha mãe tinha que levar o filho que estivesse ruim para o médico, mas tinha que ir caminhando até lá, para depois pegar condução. Às vezes se o filho não podia andar, por hemorragia no joelho ou tornozelo, minha mãe tinha que ir todo o caminho carregando... Depois, na Cel. Nogueira Padilha nós mudamos para a casa ao lado e tivemos uma quitanda e uma fábrica de doces que ficava do outro lado da rua, se chamava “Fábrica de Doces do Dia”. Fabricava vários tipos de doce, principalmente o torrão, que os espanhóis aqui falavam *el torron*. Era feito com amendoim, com aquela camada branca, meu pai fazia um torrão muito gostoso, todo mundo elogiava. E meus irmãos ajudavam na fábrica de doces, eu era a mais nova, então o que eu ajudava a fazer - e naquele tempo não tinha discriminação de que criança não podia trabalhar - eu ajudava a untar as forminhas, eu, minha irmã e as minhas primas. Aí eles faziam doce de ninho, chamavam assim porque era um doce assim (mostra com as mãos) que tinha uma camadinha vermelha e no meio era amarelo, então ficava igual um ninho de passarinho. Eles faziam queijadinha, um outro doce que parecia um pudim. Aí meu pai fazia o torrão, colocava naquela formona grande, cortava os pedaços e saía vender. Aí meus irmãos e meu pai tinham um furgão e eles entregavam os doces, aqui em Sorocaba e

na região. Era gostoso aquele tempo, minhas primas vinham em casa, a gente brincava. As brincadeiras de antigamente eram brincar de *passa-anel*, *esconde-esconde*, esse a gente brincava só dentro de casa porque minha mãe não deixava a gente sair.

Vocês não podiam brincar na rua?

Brincava, dependendo da brincadeira, porque naquele tempo a gente não tinha tanto medo quanto tem hoje. Naquele tempo a gente ficava na calçada, como minha mãe tinha o armazém eu brincava de *amarelinha* na calçada com minhas amigas. Daí surgiu a época do *bambolê*. Quando eu era criança a gente não tinha televisão, não tinha nada, e eu brincava de *bambolê*. Eu não tinha *bambolê*, mas minhas amiguinhas tinham.

A senhora tinha alguma brincadeira favorita?

Ai *bambolê* eu adorava, gostava de brincar de *amarelinha*, de *casinha*. Os meus pais sempre compravam os brinquedos da época: os brinquedinhos de sala, de quarto, tudo de plástico, mas eram bonitinhos. Tinha até um rádio enorme que era maior do que essa televisão.

Seus irmãos também tiveram esses brinquedos?

Meus irmãos tiveram bolinha de gude, pião, pipa, patinete, faziam de madeira todo improvisado. Até eu brinquei uma época com o patinete, era uma tábua, tinha duas rodinhas de rolimã, tinha a haste para segurar, aí colocava um pé do lado e ia na descida, depois subia de novo. Bicicleta eu não tive, tinha vontade, mas não cheguei a ter. Bicicleta para menina era diferente.

Por que?

Porque ela não tinha o cano reto, era curvado para baixo (cano que liga o assento ao guidão). E por causa do vestido, menina não podia usar a bicicleta de menino. Então quando eu tinha vontade, para eu poder andar na dos meninos eu segurava o guidão com as mãos, colocava o pé esquerdo no pedal e com o outro ia empurrando e tentando me equilibrar. Eu ia na casa da Regina, minha amiga que morava do outro lado da rua, no meio tinha o parque infantil que eu e minha irmã frequentamos, na Nogueira Padilha, hoje é um terminal no lugar. A Regina era filha da d. Noca, muito amiga da minha mãe. Minha mãe com a d. Noca quando queriam fazer um aniversário se juntavam e faziam os bolos, os doces, eram amigas assim, para essas coisas. Uma ajudava a outra, quando iam nos educandários... de crianças órfãs... (olhos lacrimejam e faz uma pausa) as duas faziam as coisas, levavam... faziam campanha para juntar cobertor, essas coisas. A gente tinha uma vida que era sem preocupação, eu ia na casa da Regina brincar nos balanços, porque ela tinha árvores, pé de manga, aí nós balançávamos, mas só um pouquinho porque minha mãe me chamava pra ficar com a minha irmã porque ela tinha muito trabalho, aí me chamava e eu tinha que ir correndo se não, ela brigava comigo. E era assim, uma coisa saudável, a gente brincava sem preocupação, sem medo. Hoje se uma criança vai sair na rua você não deixa porque tem medo de tudo. Naquele tempo não, só tinha conhecidos na rua que a gente morava, pessoas muito amigas, inclusive freguesas do armazém da minha mãe. Eu acho que a infância de hoje não tem comparação, uma

coisa fechada, só no celular, não se movimenta, não interage com outras crianças. (“Estão falando de escola?” pergunta o esposo que entra na sala) Ainda não, mas vou falar. Como a minha irmã já ia para a escola e eu era mais novinha, eu sou quatro anos mais nova, mas eu queria ir na escola também, aí minha mãe falou com a professora e ela deixou, mas eu só ia junto, eu não era matriculada, mas ficava na sala. Só que eu ia tão bem na escola que a professora falou que eu estava acompanhando todo mundo e que era uma judiação eu não passar de ano, então eu tirei o diploma do primário com dez anos. Depois a gente mudou pra São Paulo e eu não dei continuidade.

Por que?

Porque lá era tudo diferente daqui, tinha ginásio, mas era longe. Meus irmãos saíam, eles eram moços então davam umas voltas por lá, aí eles viram que tinha muita malandragem. Aqui em Sorocaba tinha mais confiança, as escolas eram perto. Daí eles não quiseram que eu fosse. Nem eu nem minha irmã. Então eu vim fazer o ginásio aqui em Sorocaba quando eu já tinha meu terceiro filho.

A senhora lembra como era a relação dos adultos com as crianças?

Olha, na escola era um respeito que a gente tinha pela professora! Professor naquele tempo era como se fosse pai e mãe. Bastava olhar para a gente e já sabíamos ou que estávamos passando do limite ou que era para estarmos ali. Em casa quando os adultos estavam

conversando, se você entrasse na sala e eles estavam falando uma conversa de adulto, a gente tinha que ir para o quarto, não ficava junto. Com os professores a mesma coisa, se a professora começava a falar a gente parava e prestava atenção. Não era igual hoje que as crianças mandam até professor calar a boca, meu Deus do céu! Na escola todos os dias a gente formava fila no pátio, cantava o hino nacional todo dia, era bonito de ver! Entravam todos enfileiradinhos, não era aquela bagunça de sair todo mundo correndo como é hoje. Eu nunca tive problema, eu gostava. Minha relação com os meus parentes adultos era de respeito, carinho... muita preocupação.

Preocupação com o quê?

Ah de problemas com doenças, que eu vi desde criança, com minha irmã e meus irmãos. Estou falando por mim. Muita preocupação! Mas foi muito boa a relação com meus tios... (se emociona) minhas tias... A convivência com meus primos era muito boa. Tudo coisa saudável, sem briga. No quintal da casa que a gente morava, meu pai fez um porão e montou uma mesa de *ping-pong* para os meninos, aí vinham todos os amigos, os primos brincar também. Às vezes eu ia escondida lá para ficar batendo na bolinha. Ia escondida porque só os meninos podiam, não era brincadeira de menina. Quando meus irmãos e seus amigos ou os amigos de meu pai ficavam conversando na rua na frente de casa, eu "apontava" a cabeça para fora e já ouvia: "Vá pra dentro". Porque criança e menina não podiam ficar juntos. Meus pais eram muito rígidos. Eu lembro que

abuelita falava: “*Las mujeres tienen que sentarse con las piernas juntas, el vestido bien abajo y las piernas siempre para atrás, nunca cruzadas*”, não podia cruzar as pernas porque era feio. Calça mesmo eu fui usar só na lua de mel. As pessoas já usavam antes, mas se achava feio.

A senhora gostaria de contar alguma coisa que eu não perguntei?

Dizem que a personalidade da gente é formada de acordo com aquilo que nos falaram ou que não nos deixaram fazer. Minha mãe contava que eu mamei até os dois anos, e ela tinha vergonha. Como eu já sabia, quando queria mamar pegava o *cueiro*, que é um pano de flanela, ia para ela e dizia: “Tetê”, então ela me colocava no colo, se cobria com o *cueiro* e me dava de mamar. Ela também contava que eu chupei chupeta por muito tempo então, para tentar me fazer parar, um dia ela me chamou no armazém e me mostrou uma menina que tinha os dentes todos tortos e disse: “Ela ficou assim porque chupou muita chupeta”. Aí eu decidi que não ia mais usar, e nunca mais usei mesmo. Nas festas que tinha de Aparecida, era até bonito de ver, a gente ia com os parentes fazer piquenique. Uma vez uma tia foi fazer algo longe de onde estávamos e eu fui seguindo atrás dela, mas quando começou a ter muita gente envolta eu a perdi de vista. Lembro que, talvez por minha altura, eu só conseguia ver as pernas das pessoas passando, acho que me lembro disse porque fiquei com medo. Então uma pessoa pegou na minha mão, perguntou como eu me chamava e me levou para o carro do alto falante. Aí minha mãe conta que quando ela percebeu que eu não

estava lá, ouviu anunciarem que havia uma menina de quatro anos, chamada Ana Maldonado Rodrigues, que era filha de Rosália Rodrigues e de Antônio Maldonado e que morava na rua Cel Nogueira Padilha. Isso tudo eu que tinha falado. Minha mãe dizia: “Como pode, tão pequenininha e já saber de tudo isso”. Eu era inteligente! Outra coisa que marcou bastante era quando minha mãe me levava num lugar que era como se fosse um catecismo, só que espírita. Lá a gente aprendia sobre Deus e fazia apresentações, os bailados e teatros, o lugar chamava “Fé em Deus”. Me lembro de um bailado que era das flores: cinco meninas com vestidos cor de rosa faziam um círculo, elas representavam a rosa; depois cinco vestidas de branco, representavam os lírios e assim ia. Daí cantávamos uma música, cada grupo de flores na sua parte:

*Me chamam de altiva rosa;
A mim o lírio nevado;
A mim violeta adorosa;
Colhida com muito cuidado.
Oh, que belas que somos;
Olé que sim, que sim;
As flores mais mimosas
desse nosso jardim.*

*Eu sou o lírio sem perfume,
talvez não gostem de mim,
mas tenho esta brancura
que faz inveja ao marfim.*

*Flores, flores, flores,
Até de colher tenho dó,
fica tão chique a lapela.*

Olhem, mas olhem bem só.

Também tinha uma peça em que uma menina era a rosa, a menina era muito linda, usava um vestido vermelho rodado, lindo! E eu era a margarida, com um vestido branco bem simplesinho. Aí tinha um diálogo assim:

MARGARIDA: Quem és tu?

*ROSA: Eu? Eu sou a rosa, a rainha de todas as flores,
que enfeita todos os palácios
e os luxuosos bailes cheios de amores.*

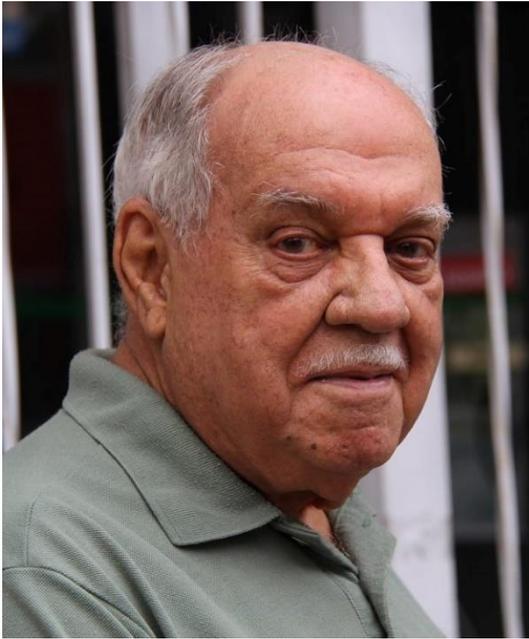
E tu, curiosa? Quem és?

*MARGARIDA: Eu sou uma simples flor,
que nasce nos campos e pastos, em comuns lugares,
mas estou sempre disponível
para todos os olhares.*

Eram peças assim que apresentavam, que trazia uma lição de vida e faziam até chorar. Esqueci de falar sobre os divertimentos da época. A gente adorava andar de bonde! Meu pai levava a gente, às vezes só para comer um doce no centro da cidade, porque o que importava mesmo era andar no bonde. Também meu pai nos levava na matineè, eu me lembro de irmos assistir o *Marceline, pane e vine*, como meu pai falava (risos), tinha também Tarzan, Cantinflas, Mazzaropi. Era muito gostoso! Naquele tempo tinha apresentações na praça, aquela da catedral. Uma vez vinha o Zuluaga, lembro até hoje o nome porque no cartaz tinha um “z” bem grande, ele andava numa linha suspensa lá em cima. Todos na minha casa iam, mas não queriam me levar, por achar

que, como eu era novinha, ia ficar cansada e querendo ir embora. Então, me mandaram ir dormir mais cedo e minha irmã e minha prima também foram, mas elas já estavam todas arrumadas por baixo do lençol, esperando eu dormir para sair. Mas, como estava cedo, eu não tinha sono e vi quando elas levantaram e perguntei: “Aonde vão?” Aí não teve jeito (risos), tiveram que me levar. Mas eu não fiquei cansada não e lembro até hoje do Zuluaga lá em cima, com todas aquelas luzes... Acho que é isso.

Entrevista oral de Samuel Germano Gutierres



Qual o seu nome e quantos anos o senhor tem?

Meu nome é Samuel Germano Gutierres, nasci em 1929, em Sorocaba. Tenho oitenta e oito anos.

Gostaria de falar um pouco sobre o senhor? Quem é o senhor Samuel?

Quem em sou? (“faz uma breve descrição de você, o que estudou, onde frequenta” diz d. Lourdes, a esposa). Dizer tudo o que eu fiz na vida? (“é, você vai contar sua história” diz d. Lourdes. Sr. Samuel demonstra estar constrangido). A primeira coisa que eu me lembro é de entrar na livraria no colo de minha mãe. Estava lá o ** e

** , que foi gerente, e o meu pai. Isso eu lembro, depois não me lembro mais nada. Nesse tempo meu irmão já tinha nascido, mas não lembro dele. Só lembro quando nasceu a minha irmã, eu tinha três anos de idade. Eu sou o mais velho, tem três irmãos depois de mim.

Os seus pais também eram de Sorocaba?

Meu pai veio da Espanha e minha mãe veio de Tietê, da beira do rio.

O senhor gostaria de contar um pouco sobre a sua infância? Quais os fatos mais marcantes?

A coisa mais gostosa que tinha era ler. (Demonstra nervosismo e relembra de uma piada de seu tio). Na guerra de 32, eu tinha um tio que fugiu da guerra e foi pro mato, não sei por que eu lembrei disso (fica em silêncio). Quando ele voltou desenhou um sol e um dado e dizia “eu era isso”. (“O que ele fez?” pergunta d. Lourdes). Ele desenhou o “sol” e o “dado”, “soldado” (risos de todos na sala).

E o que o senhor costumava fazer quando era criança?

Brincar... eu gostava de ler. (“Jogar botão, xadrez”, complementa d. Lourdes). Mas isso eu tinha doze anos. (“mas era criança”, responde ela). Não, tinha doze anos não era mais criança. Olhe, naquele tempo de criança, toda rua tinha uma quadrilha e se você passasse para a rua do outro você apanhava. Era assim o negócio, se xingassem a sua mãe você era obrigado a apanhar, porque você era obrigado a reagir. Naquele tempo se queriam bater em você, era só xingar a mãe, você ia em

cima do cara pra dar nele e ele dava em você o quanto ele queria. Eu nunca apanhei assim. Naquele tempo a madrinha era a segunda mãe da pessoa, então quando xingavam a minha mãe eu dizia: “Olha, a minha mãe é madrinha do **”, ele era um negrão enorme que morava na Braguinha. Aí ninguém mais veio mexer comigo na rua. (“Você tem que falar que você colecionava selo, que jogava xadrez” diz d. Lourdes, “tem que lembrar ele”). Ah, isso foi quando eu tinha dez anos, meu pai já tinha morrido. (“Então conte que seu pai morreu, essa fase já passou, agora você conta” diz ela, enquanto sr. Samuel demonstra tristeza). Não... eu queria contar de brincadeira, mas não lembro nenhuma. Eu só lia. (“E jogava xadrez” lembra a esposa). Não, xadrez eu tinha doze anos. (“E que idade é criança pra você?” pergunta ela). Criança é até nove, que já ta no quarto ano do Grupo.

Entrava no Grupo Escolar?

Sim, com sete anos. Eu frequentei o Visconde de Porto Seguro. Naquele tempo (risos) todo dia saía um expulso. O diretor chegava e dizia “O senhor jamais vai estudar em escola estadual. Agora se quiser estudar vai ter que pagar”. Pegava o boletim da pessoa e sem ele a pessoa não ia pra escola nenhuma. A criançada era terrível. (“Você tem que contar da sua vida, com seu pai, com a sua mãe, quando seu pai morreu” diz d. Lourdes). Mas eu não lembro, o que eu vou fazer? (“Que o seu pai faleceu, que você tinha somente dez anos, que você teve que sustentar quase a casa, teve que ajudar sua mãe”. Sr. Samuel se emociona e suspira). Minha história de criança foi estudar, estudar e estudar. (“E jogava xadrez?”) Não jogava xadrez! (risos de

todos na sala). Criança é até os dez anos, depois no ginásio é outro assunto.

O senhor teve algum brinquedo?

Brinquedo eu fazia aviãozinho, pegava dois pauzinhos assim (mostra com os dedos), e pregava um no outro assim, já era avião.

Todos o senhor que fazia?

É, mas eu não gostava disso. Minha vida é muito difícil de contar... ler, só isso.

O senhor lembra de seus livros preferidos?

Eu gostava do Van Loon, ele tinha livros de geografia, história, ciências, um livrão desse tamanho (mostra com a mão). Quando tinha uns dez anos comecei a gostar do Alexandre Dumas... Júlio Verne... Monteiro Lobato. ("Você gostava de ir ao cinema?" pergunta d. Lourdes). A matineê de quinta-feira só. Começava às duas e acabava às quatro e meia (risos). Eu ia com os amigos. Naquele tempo tinha seriado, toda quinta-feira tinha um episódio. Era Buck Rogers, depois um negócio lá de *Cowboy*, de cascavel.

Havia mais algum divertimento de que o senhor gostava?

Eu não me lembro. ("Não chegou quinze anos ainda pra jogar xadrez?" pergunta d. Lourdes, e todos riem. "Você não contou que seu pai morreu, que suas irmãs...") Isso é coisa muito chata! Aconteceu, morreu acabou. As grandes realidades a gente não pode falar, sabe? Não tem como eu contar.

O senhor se lembra de quando era criança, como era sua relação com os adultos?

Olha a turma da igreja, que eu ia na igreja, respeitava. Eles queriam bem a gente. Conversavam direitinho (silêncio). A gente vivia passeando, indo na casa dos amigos da igreja. A gente era quieto (ele e os irmãos). Era crente, qualquer coisa que fizesse errado apanhava (risos).

Apanhava de quem?

Do meu pai e da minha mãe, mas eles faziam uma oração primeiro (risos).

E na escola? O senhor começou com setes anos, não é?

Isso, eu cheguei lá e a turma dizia “Ah, esse cara não vai acompanhar a gente” eu era pequenininho. Quando entrei no segundo ano eu já sabia coisa pra entrar no ginásio e a turma não sabia nada. Era tudo moleque de rua, sem vergonha, cafajeste, repetente. Não tinha jeito. Só tive um colega bom, que dava pra conversar, sair e passear, o ***, que queria ser poeta. **E como eram os professores?** Eram todos homens. Todos gente boa, séria, correta..., mas a turma não prestava, não dá pra contar o que eles faziam na sala de aula, todo dia ia um expulso.

O senhor tem alguma lembrança marcante da escola?

(breve tempo em silêncio) no último dia de aula, na quarta série, a professora falou da guerra do Paraguai e todo mundo fez a guerra na sala de aula (risos) e duelo e batia a régua... E ficou por isso mesmo, não aconteceu nada. Uma desordem terrível.

E do que o senhor mais gostava na escola?

De aprender... de aprender. Eu fui terrível, mas fui quieto, sabe? Eu quando era criança era quietinho, queria saber tudo. Se não entendia uma coisa ia até entender. Perguntava para um, perguntava para outro. Não podia ficar sem saber. Mas eu era terrível, gostava de pôr pacotinho na rua, amarrado no fio e puxava quando as pessoas iam pegar. Mas é isso que eu me lembro.

Tem algo que o senhor gostaria de contar sobre a sua família?

Olhe, todo mundo que vinha em Sorocaba ia na casa de minha mãe. Todo crente que era de Tietê, Votorantim... então a casa de mamãe tava sempre cheia. Era a pensão da Dona **, só que o nome naquele tempo era "Mulata". Todos chamavam ela de Dona Mulata. E pensavam que ela era negra, mas não era.

Por que o apelido era "Mulata"?

Porque quando ela era criança, na beira do rio só morava negro, e ela era a única branquinha que tinha na beira do rio. Tietê, você vai lá e botam um apelido em você, não tem como escapar. Aí ficou "Mulata". Eu nunca tive vergonha desse nome.

Com quantos anos o senhor começou a trabalhar?

Com uns doze anos, mais ou menos. Eu fui estudar no Mackenzie e fazia desenho em nanquim, épura, pra vender pra poder voltar pra casa. Mas o engraçado é o seguinte: quando o professor é muito bravo, o professor de desenho lá era muito bravo, ele ensinou uma coisa tão

simples, mas ninguém aprendia, nem eu. É pura, a coisa mais simples do mundo! Um dia eu estava dormindo, com setenta anos, e estourou a é pura na minha cabeça! Era só fazer assim! (mostra com as mãos). Daí que eu entendi o negócio. Sabe, eu não tenho o que contar da infância porque, pra falar mal dos outros não pode, os empregados (da livraria) judiavam do filho do patrão. Então era uma infância amargurada. Tinha um empregado lá, chamado ***, era um negão, forte de quatorze anos, e ele me chamou pra jogar dama, com feijãozinho e milho, e, não sei como eu ganhei. Ele me deu um soco no olho. E eu não contei pro meu pai. Daí um empregado contou que tinha sido o *** que me deu um soco. Daí meu pai questionou o *** e ele disse que me bateu porque eu havia xingado a mãe dele. Meu pai veio: “Você xingou a mãe dele?” e me passou uma coça. Apanhei duas vezes! Tem graça isso? Pense um pouco! Outro dia, tinha umas tirinhas que iam coladas nos livros e um dia apareceram todas coladas tortas e o entregador disse a meu pai que tinha sido eu que coleei torto. Apanhei de novo! O que doía era meu pai pensar que eu era burro de fazer um negócio desse. Isso que doía mais do que a sova. Não tenho o que lembrar, só de incômodo, chateação, mentira, fofoca...

Como era uma rotina normal na sua casa, quando o senhor era criança?

Cedo já levantava e se arrumava pra ir pra escola. Uma coisa que me lembro é o primeiro dia em que minha mãe me arrumou, todo bonitinho, sapato, meia, malinha de couro, tudo... (risos) a turma começou a gozar, porque

no Visconde era tudo pobre, os ricos iam pro Padilha ou pra escola das mães. Então me chamavam: “O gorfinho!”, naquele tempo uma pessoa arrumadinha era gorfinho. Depois disso, minha mãe me arrumava, eu saía e já tirava a camisa pra fora, tirava um pé do sapato e colocava na mala. Se não, a turma não perdoava. **E depois que voltava da escola?** Almoçava. Depois de tarde, se fosse quinta-feira tinha matineè, se não fosse eu ia ler, porque tinha livro que não acabava mais. Aí seis horas já tinha que ir pra cama, todo mundo. Nossos pais sempre colocaram a gente na cama seis horas. A hora que eu tava indo dormir ela (aponta para a esposa) tava indo brincar na rua. Por isso que eu não me lembro da minha infância, não fazia nada porque ia dormir seis horas.

Há alguma coisa que eu não perguntei e o senhor gostaria de contar?

(“Conte aquela história que não podia cinema no domingo” diz D. Lourdes). Gente da igreja que ia no cinema os presbíteros ficavam bravos e iam atrás.

Não podia?

No domingo não podia fazer nada, só podia ir na igreja. Então, um dia o conselho da igreja inteirinho foi lá na porta da livraria, apertou a campainha e minha mãe saiu na sacada lá em cima. “Dona Mulata!” eles falaram, e ela: “O que foi?”, “A senhora sabe onde estão seus filhos?” e ela falou: “Sei, estão no cinema com os seus filhos!” (risos). Aí todo mundo saiu com o rabinho no vão das pernas.

Entrevista oral de Maria de Lourdes Vallarelli Gutierrez



Qual o seu nome e quantos anos você tem?

Eu sou Maria de Lourdes Vallarelli Gutierrez e tenho oitenta e seis anos.

Gostaria de falar um pouco sobre a senhora?

Olha, na infância eu não tenho muito o que falar. Foi uma infância difícil. O meu pai tinha um comércio, um armazém, mas fazia outros bicos também, ele sabia fazer barba, bigode, cortar cabelo. Ele trabalhava no Sorocaba Clube de noite, então os fregueses dele eram todos de lá e alguns médicos que iam em casa para ele fazer. Para poder sobreviver, porque naquele tempo a mulher não trabalhava e tinha seis filhos. Morreram dois de

disenteria bacilar. Eu era a caçula. Eu tinha uma irmã seis anos mais velha, por um bom tempo foi ela quem cuidou de mim. Porque a mamãe às vezes tinha que ir no médico, ela fez várias cirurgias... então quem cuidava de mim era minha irmã, mas foi tudo bem, fomos criados muito bem, os irmãos todos unidos, graças a Deus. Entrei na escolinha, primeiro como ouvinte. A mercearia do meu pai era na esquina da rua Santa Cruz do lado do asilo São Vicente, nesse asilo tinha uma escolinha e meu irmão frequentava, os outros já iam em outras escolas. Era escola para seis anos. O meu irmão tinha seis e eu tinha cinco, era bem nova mesmo e não podia me matricular. Mas como a diretora queria bem a mamãe me colocou na escolinha. Às vezes ela me dava alguma coisa pra escrever, pra pintar, mas ela não tinha responsabilidade comigo como tinha com meu irmão. Meu irmão era muito safado e falava pra mim: “Se queixe de dor de barriga pra gente ir embora”. E eu obedecia meu irmão (risos). Depois passou essa fase e eu fui para o Padilha, no primeiro ano. Por dois dias os professores me mudavam de classe em classe. Tinha primeiro ano A, B, C, daí eu fui pro melhor, que era o D. A professora me chamou e disse: “Vamos lá na diretoria”, eu não sabia nem o que era diretoria. O diretor me deu uma provinha e disse: “Vou dar uma provinha pra você ver se consegue fazer, se não conseguir, não faz mal”. Ta bom, ele passou umas continhas e deu um ditadinho. Depois que eu fiz ele entregou para a professora e ela disse: “Eu não posso ficar com essa menina aqui, ela já está alfabetizada”. Então o diretor me disse: “Olha, você vai chegar em casa

e dizer para sua mãe colocar mais uma sianinha, uma lista branca na sua gravata, porque você não vem mais nesse período, agora vai no outro”. Chegando em casa, ela como de costume me carregou e me colocou em cima da mesa sentadinha e me disse: “Conta como foi o dia de hoje”. Comecei a contar e falei que amanhã eu iria no período da tarde, porque eu estava no segundo ano. Mamãe então me explicou que não era assim, que eu precisava acabar o ano inteiro para ir para o segundo ano. Mas eu não sabia o que falar. No dia seguinte eu não fui de manhã à escola, porque não acreditei no que mamãe falou e eu não quis desobedecer ao diretor. No dia seguinte, então, fui à tarde na escola. Chegando lá, as crianças vinham encontrar comigo e diziam: “Você veio na hora errada”. E de tanto falarem eu fiquei sentada num banquinho. As filas foram formadas. O diretor apareceu e me chamou: “Onde está a Vallarelli?” (assim ele me chamava), eu então respondi: “Estou aqui” e uma menina saiu da fila e veio me buscar e eu fiquei nesse período. Só assim mamãe acreditou, pois eu levei um bilhete para casa. A infância foi difícil... porque os natais eram difíceis. Aconteceu uma coisa que papai teve que vender o negócio e colocou o dinheiro no banco e teve um negócio (“O banco faliu” diz o Sr. Samuel). Isso, o banco faliu e lá foi todo o nosso dinheiro. Aí ficou mais difícil ainda. Mamãe começou a fazer as coisas pra fora, um crochezinho... Papai começou a pegar firme mais clientes pra ele poder pelo menos isso. Depois passou essa fase e papai conseguiu um emprego no Estadão, ele foi inspetor de alunos lá. Aí já foi a nossa salvação. (“Foi em 1939 isso daí” diz Sr. Samuel). Depois pra entrar no

ginásio eu perdi a matrícula do Estadão, então papai me colocou na Escola Profissional. Lá de manhã a gente aprendia todas as matérias do ginásio, menos “letras” porque no lugar era só “português”. Naquele tempo tinha ciências físicas e naturais, tinha geografia, matemática, desenho, tinha tudo. De tarde aprendia costura, bordado, puericultura, fazer mamadeira de criança, a gente recebia a criançada lá e as mãe vinham buscar as mamadeiras toda manhã...

Era uma escola feminina?

Mista. Os meninos de tarde já iam pra Sorocabana aprender ofício lá, então já saiam todos empregados. Depois tinha o normal e o colegial. O colegial era o clássico que preparava assim para medicina e o outro era pra ser professora mesmo. Eu não queria ficar costurando, eu queria ser professora, então papai me mandou fazer Madureza.

O que era Madureza?

Era um curso como um supletivo, que entrava num mês, aprendia as matérias depois fazia a prova. Eu tinha que aprender tudo até outubro. Português e geografia assim eu sabia, pegava livro, então dava pra me defender. Então eu foquei mais em latim, francês e principalmente matemática, porque na escola que eu tinha estudado não tinha muita coisa. Assim meu pai me colocou para ter aula com um professor particular pra aprender matemática e latim (“Naquele tempo latim era só decorado” diz Sr. Samuel). Sim, era fácil, eu decorava fácil. Aí eu passei no exame e fiz os três anos do Normal

e depois virei professora. Eu podia lecionar em qualquer ano como substituta até conseguir ser efetiva

Em sua infância a senhora brincava?

Olha, naquele tempo eu tinha boneca, gostava de brincar de casinha e tinha uma brincadeira chamada *saquinho*. A gente fazia cinco quadrados de pano, mamãe costurava e enchia de arroz, milho, qualquer coisa, e a gente jogava com os amigos. Tinha cinco saquinhos... A gente brincava de bilboquê que faz assim (mostra com as mãos). Essas coisinhas. A gente brincava na rua, brincava de bola. Daí eu já era adolescente. Pulava corda, brincava de *esconde-esconde*, jogava *bola atrás*. Tinha um que ficava uma jogando bola e a companheirada toda atrás, quem pegava a bola escondia, quem acertava onde estava pegava a bola e ia jogar. Além disso tinha *barra-manteiga*, tinha aquele que fazia: “Eu sou pobre, pobre, pobre” então fazia duas filas, uma era a pobre a outra era rica. Então uma fila falava: “Eu sou pobre, pobre, pobre, de marré, marré...” aí a rica pedia: “Quero uma de suas filhas, vou-me embora, vou-me embora”, daí a fila pobre perguntava: “Qual delas a senhora quer”. A mãe dava a filha (risos), passava a filha para lá. Daí a mãe perguntava: “Que serviço você dá pra ela?”, daí a rica dava, por exemplo, o ofício de costureira, a mãe respondia: “Esse ofício não me agradou”. Essas brincadeiras muito gostosas. Amarelinha!

Qual a senhora mais gostava?

Ah de todas! Tudo era gostoso. Tinha uma que escondia e falava... como era mesmo? Ah, “Boca de

forno!” aí respondia: “Forno!”. Daí a boca de forno ia pegar e a gente se escondia. Depois passou essa fase, eu fui fazer o normal e não me interessava mais por isso.

A senhora lembra de algum acontecimento mais marcante de sua infância?

Ah, a gente gosta de tudo. Quando eu fiz minha primeira comunhão... (silêncio). Quando eu fiz minha primeira comunhão estava uma fase difícil em casa, eu tinha nove anos, e nessa fase meu pai não tinha arrumado emprego ainda, mas foi por pouco tempo porque logo depois papai já arrumou emprego no Estadão e as coisas melhoraram. A minha infância, embora eu fosse pobre, foi uma infância boa. Ah, outra coisa que me lembrei, que marcou bastante, foi num natal... Nesse tempo ainda papai estava só fazendo barba e cabelo dos amigos. Papai fumava e tinha uma casa que vendia cigarro e fez uma promoção que era para guardar as caixinhas do cigarro para concorrer ao sorteio de uma boneca no natal. Então papai foi guardando as caixinhas (voz ficando mais baixa) ele viu que eu queria ganhar uma boneca mas, não tinha condição, então ele fez todas as coisas que precisava, daí ele trouxe a boneca pra mim (se emociona) isso marcou, sabe (voz embargada). Mas está tudo bom, graças a Deus. A gente passa momento ruim e momento bom.

Depoimento de Ana Maria de Souza Mendes



Meu nome é Ana Maria de Souza Mendes, eu tenho setenta anos. Nasci em Sorocaba. Sou filha de um sorocabano e de uma avareense. Todas as minhas raízes estão no interior de São Paulo, passam pelo Mato Grosso, enfim... eu sou uma menina da terra. Sou filha única. Para a época eram poucos os filhos únicos na minha idade, todas as famílias eram bastante numerosas. Meu pai era alfaiate e minha mãe veio para Sorocaba como bordadeira. Naquele tempo as famílias que tinham um poder aquisitivo maior, as casadoiras, tinham os enxovais feitos à mão, e a mamãe fazia isso. Ela veio para Sorocaba porque sua irmã estava morando aqui e acabava de ter o terceiro filho, então mamãe veio

para ajudá-la. Nessas contingências da vida ela acabou conhecendo meu pai; minha tia e mamãe vão embora para São Paulo, mas o meu pai vai buscá-la e aí se casam.

Meu pai foi uma daquelas crianças negras que teve a infância... não sei se foi infância, porque muito cedo ele foi colocado no mercado de trabalho, então com 14 anos ele já era oficial alfaiate, isto é, ele já montava peças dentro da alfaiataria. Isto significou falta de escolaridade por ser negro e pobre, ele foi mandado embora da escola, esta é a grande verdade, porque... (se emociona) todas as situações não muito naturais dentro da escola eram cometidas por quem? Pelo negrinho... E papai era uma pessoa, não por ser meu pai, realmente inteligente; era uma inteligência acima da média, isto é, se ele tivesse sido aproveitado seria um cidadão que contribuiria muito para a cidade. Mas aos nove anos de idade ele foi mandado embora da escola. Minha avó era lavadeira, daquelas lavadeiras que iam na beira do rio Sorocaba, então isso plasmou praticamente a nossa vida toda. Mas o papai era forte e não se deixava abater, ele foi para fora da escola e foi trabalhar, aliás, era absolutamente necessário que ele trabalhasse, até porque minha avó já não era tão jovem. Mas como preencher o tempo, ter outras atividades sem ter dinheiro? Então ele foi para o esporte. Naquela época, o esporte amador no interior de São Paulo era extremamente valorizado; não era só uma questão de aceitação social, era realmente valorizado. Todas as famílias que tinham jovens colocavam seus filhos para praticar esportes, porque era um momento em que eles não só teriam a convivência, como também não estariam na porta do bar da esquina. Isso aconteceu com meu pai por conta dele mesmo, ele foi até o Scarpa, Associação Atlético Scarpa.

Ele foi durante um tempo, o tempo dele, um atleta... não vou chamar “de ponta” porque seria muito cabotino da minha parte, mas sim, ele fazia parte da equipe de esportes da cidade, trouxe várias medalhas, enfim. A juventude dele foi, em relação à pouca infância, até prolongada pois vai casar-se aos trinta anos.

Eu fui para a escola, até porque era filha única e ficava muito mais com minha avó, por causa do trabalho dos meus pais; com dois anos e meio minha avó veio a falecer, então aí acabei indo para a escola. Talvez tenha sido a primeira experiência de uma escola particular, não confessional, na cidade, um jardim de infância, como chamavam na época. Engraçadamente eu fui conhecer ali crianças vizinhas minhas ali na rua Santa Cruz e nós íamos e voltávamos juntos sozinhos, sem adultos, com três anos. Eu e duas dessas meninas nos tornamos amigas e ficamos juntas até o final, crescendo juntas. Foi na escolinha na rua Nogueira Martins. Foi a minha primeira experiência de escola, com uniforme, lancheira, ordem unida, que era quando reunia todo mundo para fazer filas... então foi minha primeira experiência com um grupo extrafamiliar. A escolinha não durou muito tempo e eu fui para o jardim da infância da escola pública, o Grupo Escolar Visconde do Porto Seguro, que na época funcionava ali na rua da Penha, no primeiro edifício de Sorocaba, que hoje ainda tem uma farmácia no térreo. Então vinha todo o grupo que morava lá na Vila Amélia, vinha todo mundo junto. Eu fiquei no Visconde até o final da quarta série, terminando o primário com festa de diploma e tudo o mais.

E a minha infância correu, paralela à escola, fora o grupo de amizade escolar, eu ainda tinha grupos formados no catecismo da igreja católica, e depois dos nove anos a cruzada eucarística, que era também um grupo formado a partir do catecismo. Engraçadamente, talvez por causa da época, esses grupos interferiram na minha vida durante muito tempo, no sentido da amizade e da necessidade de pertença a grupos. Agora vem o outro lado dessa questão: eu era a única negra... Era aceita pelos grupos, mas eu era a única negra. Isso ocorreu porque, sendo moradora nascida no centro e tendo conhecidos de longa data, que conheceram minha avó e usavam seus serviços e lavagem de roupa para ela, também acolhera minha mãe e depois a mim. Nunca senti... diferença. Eu me sentia sim discriminada por pensar: "Mas só eu? Só eu sou diferente?"; mas não me tratavam diferente. Na casa de uma das amigas da escola, pelo menos uma vez por semana eu fazia uma refeição lá, como ela também fazia na minha casa, então havia um cuidado para que se estabelecesse o vínculo da amizade, independentemente da situação, independentemente da cor, e isso foi muito importante na minha vida. Deve ter sido para minha amiga também. A gente cresceu trabalhando a diferença. Quando hoje, século XXI, todo mundo para pra apontar e descobrir a diferença, todo mundo não..., mas é bem maior o grupo de pessoas que não sabe lidar com a situação do que o inverso. Mas nós aprendemos desde pequenininhas. É claro que nós fomos crescendo, mudamos de escola, eu conheci outros grupos e a minha mente foi se abrindo para essa questão da diferença. Então, se eu venho, na idade adulta, a buscar

conhecimento com relação à negritude brasileira, é exatamente pela forma como fui criada. De me saber diferente e saber que eu tinha possibilidades. Me perguntam: “Não aconteceu nada de diferente? Você não teve nenhuma porta fechada?” claro que tive! Se eu não tivesse eu não saberia quantas portas estão fechadas hoje. Eu não poderia conversar com o jovem negro e dizer que eu sei da dor que ele está sentindo.

Então, filha, a minha infância foi assim... gloriosa. Imagina, eu tinha brinquedos! Brinquedos comprados na loja! Coisa que era muito difícil para o filho do pobre, e quando eu falo pobre é o trabalhador. Era difícil sobrar dinheiro para comprar brinquedo para criança, e eu tinha todos os brinquedos que eu sonhei. Não só os mais velhos da família, como até os fregueses do papai e da mamãe me davam brinquedos. Eu me lembro que durante uma época eu tive uma maquininha de costura que costurava de verdade! Me foi trazida do exterior por uma cliente da minha mãe. Então a minha infância foi... mal-usando o termo, cosmopolita, eu vivi tudo. Eu brincava de *pais*, minha brincadeira favorita! De correr, se esconder, eu sou filha de fundista, então eu corria mesmo! Eu tive a chance de brincar e muito! Não só com as brincadeiras ditas femininas, a tal *casinha*, onde estavam embutidas as tais prendas domésticas como bordar, eu aprendi a bordar muito cedo, com uns cartões que tinham figuras grandes com uns pontos assim e passava a linha. Afinal agulha era o que trazia a comida para a mesa. Nunca me forçaram, nem meu pai nem minha mãe, a continuar o trabalho deles. Eu aprendi, até cheguei a fazer algumas peças. Meu parque de diversões

era a oficina do meu pai, porque tinha paninho, tesoura, acho que eu devia ter uns quatro ou cinco anos quando ganhei minha primeira tesourinha... quando ia algum cliente para prova ele tinha que nos mandar embora. Morávamos em casas que tinham quintais e nesses quintais havia árvores frutíferas e a gente, claro, não esperava a fruta cair, a gente ia buscar. Naquela região da minha casa todo mundo tinha mangueira, e quer coisa mais gostosa que subir numa mangueira? (risos). Onde é hoje a rua Rodrigues Pacheco, naquela época não era rua cortada, era um caminho no meio do mato que saía na rua Quinze, na Praça do Canhão e chegava no Visconde. No caminho tinha uma chácara que tinha fruta a valer! E o cidadão que cuidava da chácara era bravo e não dava fruta para a gente, então nós meninas ficávamos conversando com ele, para os meninos entrarem pela cerca do outro lado para pegar fruta. Isso a gente fazia sim, mas engraçado que não era aquela coisa de: “Vamos roubar”, era “vamos comer aquilo que está sobrando”. Muito mais tarde eu tive a chance de conhecer os herdeiros daquela chácara e eu contava essa história e eles diziam: “Mas a gente não ia na chácara, a minha mãe comprava fruta”. A minha mãe também comprava fruta, mas aquela que era gostosa! (risos). Pelo menos era democrático, porque entre nós também havia quem não tinha fruta na fruteira de casa, então quando ia na chácara resolvia a questão (risos).

Eu vivi os dois mundos, naquela época tinha uma mãe que falava para o filho: “Eu vou te educar com conselhos”, e o filho era terrível, era *aquela* moleque! E tinha uma outra que deixava um cinto, vermelho ainda,

do lado do tanque e quando o filho ia aprontar falava: “Fulano, ó!” e ele já parava. Surra eu nunca levei, eu só ficava de castigo. Naquele tempo os pais davam correção, claro que tinha os casos de espancamento, como tem hoje, mas a maioria dos pais corrigia só.

Vamos separar meninice e adolescência com um fato marcante.

Eu contava mais ou menos onze ou doze anos, quando houve a primeira grande festa da Padroeira, Nossa Senhora da Ponte. Eu fazia parte da Cruzada Eucarística e as meninas foram convidadas a participar da procissão do dia 15 de agosto vestidas de anjo. Soma de ingenuidade com conhecimento de diversidade e valentia, eu também me vesti de anjo, com asa de pena natural e tudo! Você imagine a situação; um anjo de mais de um metro e meio, preto!...

Meu pai e eu, íamos visitar aos domingos a periferia da cidade. Então o meu contato com as dificuldades foi através da amizade. Havia aquela coisa grotesca de sair para levar um quilo de açúcar na casa de quem estava precisando. O que resolve um quilo de açúcar na casa de quem está passando fome? Não resolve porcaria nenhuma, o que resolve é arroz e feijão o quanto. Isso me levou, já muito cedo, na adolescência, a participar de movimentos que promovessem algum benefício para aquela gente. É assim que eu vou crescendo, com um grupo de jovens... que ia para clubes de lazer, mas eu não ia, mais por uma preferência paterna mesmo, mas também nunca me fez falta não, porque eu não ia e não ficava no canto amuada, aborrecida... eu tinha tantas outras coisas para fazer, que eu não sentia falta.

Minha vida no Estadão foi muito boa, conheci gente de todo tipo e tamanho de bolsa financeira, foi muito interessante! Já a minha mãe, foi criada em São Paulo, num colégio que era para meninas ricas, mas que tinha uma escola profissional para meninas pobres, só que a educação formal era a mesma, então minha mãe, não tendo o diploma, sendo uma operária, porque naquele tempo bordadeira era operária, falava francês muito bem! E a educação livresca que ela recebeu! Muito cedo eu percebi que mamãe lia livros, muitos clássicos, e me levava para a biblioteca. Tinha uma sociedade aqui em Sorocaba, 25 de dezembro, da qual fomos sócios, que tinha uma biblioteca. Eu cresci explorando aquela biblioteca, onde nós íamos toda semana, minha mãe e eu, e ela emprestava um livro para ela e um para mim, então a leitura acompanhou a minha vida; e isso a mamãe trabalhava muito bem comigo. Eu lia e dizia para ela: “Mãe, eu já acabei”. Ela vinha e questionava: “O que você achou?”, “isso pode acontecer?”, aquelas coisas fantásticas, o dragão morder a princesa e tal. Ela trabalhou de um jeito tão real. Então eu fui introduzida no mundo da leitura de uma forma natural, tranquila, dentro daquilo que eu gostava. Com doze ou treze anos eu deixei de ler Condessa de Ségur para conhecer Sherlock Holmes, que é muito mais movimentado, mais emocionante! Paralelo a isso, o que mandavam ler na escola eu lia, podia até não gostar, podia até criticar, mas eu lia. E foi assim que eu fui amalhando até conhecimento, porque de um livro para outro você tem sempre a necessidade de, ou unir as duas partes, ou sentir o conflito, julgar e escolher o seu lado. Isso a mamãe

sempre me preparou para escolher o que realmente era importante, sempre medindo consequências.

Na chegada da minha adolescência eu vi problemas sérios de transgressão. Isso foi trabalhado conosco, porque os nossos pais se preocuparam em mostrar o que acontecia quando se cometia um delito. A gente aprendeu também que o transgressor era nosso amigo e a gente não podia abandoná-lo. Nós, na rua, tínhamos que reconhecê-lo e abrigá-lo. Foi muito interessante. Demorou muito eu perceber o quando eu estava sendo moldada para isso e quantos conceitos eu formei a partir dessa situação. Mas aquilo foi tão natural que, mais tarde quando eu vou para os compêndios de psicologia comportamental eu dizia: “Olha que engraçado, d. Fulana disse isso, seu Beltrano proibiu aquilo”. Então essa questão da convivência humana da nossa infância eu acho que foi muito bem explorada.

A televisão chegou ao interior de São Paulo quando estávamos com dez ou onze anos, mas aí também já não chamava mais atenção, gostávamos muito mais o contato humano do que a figurinha da televisão. Isto foi... eu não vou dizer que foi melhor, porque foi a época. Hoje as crianças têm tantas outras informações às vezes não tão bem aproveitadas, e na época não, nossas mães tinham que usar a inteligência, o imaginário e a reza (risos) para saber o que ia ser daquela criança que estava ali sob sua responsabilidade.

Relação de brincadeiras e brinquedos citados nas transcrições

Quadro 3 - Relação de brincadeiras e brinquedos citados nas transcrições. Fonte: dados construídos por SEWAYBRICKER, Gabriela M.

Brinquedos	Brincadeiras
Aviãozinho	Amarelinha
Balanço	Barra Manteiga
Bambolê	Bater Bola
Bola	Boca de Forno
Bola de Meia	Bola atrás
Bolinhas de gude	Bolinha de Gude
Boneca	Bets
Bicicleta	Cachuleta
Caminhãozinho ou carrinho de madeira	Caretinha
Carrinho de rolimã	Casinha
Cavalo de pau	Contar histórias
Espada de madeira	Esconde-esconde/ Pais
Míni máquina de costura	Futebol
Patinete	Passa Anel
Pião	Passa Treze
Pipa	Passos
Trenzinho	Pega-pega
	Ping-pong
	Pobre de Marré
	Pula corda
	Rodar Pião
	Saquinho
	Unha na Mula

Descrições de brincadeiras

POBRE DE MARRE

Eu sou pobre, pobre, pobre,
De marré, marré, marré.
Eu sou pobre, pobre, pobre,
De marré, de si.

Eu sou rica, rica, rica,
De marré, marré, marré.
Eu sou rica, rica, rica
De marré de si.

O que é que a senhora quer?
Vou-me embora, vou-me embora
O que é que a senhora quer?
Vou-me embora daqui.

Quero uma de suas filhas,
Vou-me embora, vou-me embora.
Quero uma de suas filhas,
Vou-me embora daqui.

Qual delas a senhora quer?
Vou-me embora, vou-me embora.
Qual delas a senhora quer?
Vou-me embora daqui.

Esta, esta não é
Esta é meu coração
Esta come pão da cesta
Bebe vinho do garrafão (é a escolhida)

Que ofício dar a ela?
Vou-me embora, vou-me embora
Que ofício dar a ela?
Vou-me embora daqui.

O ofício de pianista,
Vou-me embora, etc.

Este ofício não me agradou,
Vou-me embora, etc.

Modo de brincar: De um lado fica a rica, sozinha. Em frente à rica, fica a pobre com suas filhas todas de mãos dadas. A rica canta seu verso inicial. A pobre, com as filhas, caminha até a rica, cantando seus versos e voltam ao lugar. A cantiga continua e quando o novo ofício apresentado pela rica agrada, a filha escolhida passa para o lado da rica. Quando todas as pobres passam para o lado da rica, termina a brincadeira, formando-se uma roda com todos os participantes que cantam:

Vamos fazer a festa junto pra comer presunto
Vamos fazer, etc...

Nota: Variante: Ao invés de “Vou-me embora, vou-me embora”, em alguns lugares, canta-se: “Mando, tiro, tiro lá

CIRANDA,CIRANDINHA

Ciranda, cirandinha
vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar

O anel que tu ma deste
Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou

Por isso dona
Entre dentro desta roda
Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vá-se embora

Modo de brincar: Faz-se uma roda e todos giram cantando. A líder do grupo escolhe uma das participantes e fala seu nome (no lugar dos pontinhos). A escolhida vai ao meio da roda e recita alguns versos e volta ao lugar. A roda continua escolhendo-se outra para recitar.

MAIS UMA BONECA

Mais uma boneca na roda entrou,
Deixa ela ficar, quem lá não ficou.

Na roda sozinha não hei de ficar
Escolho a fulana para ser meu par.

Mais uma boneca, etc.

Modo de brincar: Faz-se uma roda e uma criança fica no centro, canta a música e escolhe uma companheira para juntar-se a ela no centro.

A CANOA VIROU

A canoa virou
Por deixá-la virar
Foi por causa da fulana
Que não soube remar.
Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é feia e quer casar!

Modo de brincar: Faz-se uma roda e a pessoa citada no verso vira de costas para o centro, depois todos cantam: “siriri pra cá, siriri pra lá” com as mãos na cintura. A brincadeira termina quando todas as crianças ficam de costas para o centro.

PASSA TREZE

Passa, passa treze
A última há de ficar
Vou pedir ao bom barqueiro
Licença para passar
Eu tenho mulher e filhos
Que me custa sustentar.

Passa, passa, treze
A última há de ficar!

Modo de brincar: Duas crianças, previamente escolhidas e que combinaram entre si o nome de uma fruta, flor ou objeto para cada uma, dão ambas as mãos levantando-as para o alto. As outras crianças formam fila e passam por baixo dos braços das outras duas. A última da fila é presa entre os braços que se abaixam à sua passagem. Uma das crianças pergunta-lhe; O que você quer, cravo ou rosa? (por exemplo) Conforme a flor escolhida pela presa a mesma vai ficar atrás da menina que representa a flor escolhida. A brincadeira continua até que todas as crianças fizeram sua escolha e se posicionaram atrás das respectivas representantes. Uma das escolhas representa o céu e a outra o inferno, conforme o combinado em segredo entre as duas. As outras crianças não sabem quem é o inferno quem é o céu. Para a revelação, pede-se às crianças que se ajoelhem lado a lado formando-se a ala do céu e a do inferno. A criança que era o céu diz para as que a escolheram que quando elas passarem pelo meio das duas alas, elas deverão fazer:

“dilim, dilim” (imitando um sino). A que representa o inferno dirá às que a escolheram que, à sua passagem, deverão fazer fusquinhas falando: “shu, shu, shu”. Depois disto todas falam céu, mostrando as que escolheram o céu e inferno para aquelas que o escolheram. No final a turma do céu corre atrás da turma do inferno gritando: “Corta rabo, corta rabo” e tentando cortar o rabinho imaginário dos diabinhos.

A obra nos convida a adentrar nas palavras e memórias das seis pessoas que colaboraram com a escrita da Gabriela: dois homens e quatro mulheres que em entrevistas, depoimentos e imagens fornecem pistas valiosas para se pensar a infância na primeira metade do século XX. São suas lembranças, vividas na cidade de Sorocaba, que apresentam temas que nos são relevantes e evidenciam, ainda hoje, demandas consideradas pertencentes à infância, mas que são também, construtos históricos e sociais que indicam lugares que as crianças ocupavam e ocupam socialmente. Assim, brincadeiras, brinquedos, cantigas, sons, festas, interdições, o parque infantil e uma série de ações e lugares significam um passado e uma infância para esses protagonistas, mas que dialogam com o passado de outrem. Essas memórias são valiosas porque ainda hoje (e sem anacronismos) fazem-nos pensar em questões ainda urgentes em nosso meio: gênero, raça e classe social entre elas. Quais os papéis que ainda presenciamos, vivemos?

Maria Walburga dos Santos



ISBN 978-65-5869-025-2

